

# Páginas

ANO 38 • nº 53 • 2013



## Abertas



## NOTAS de sabedoria

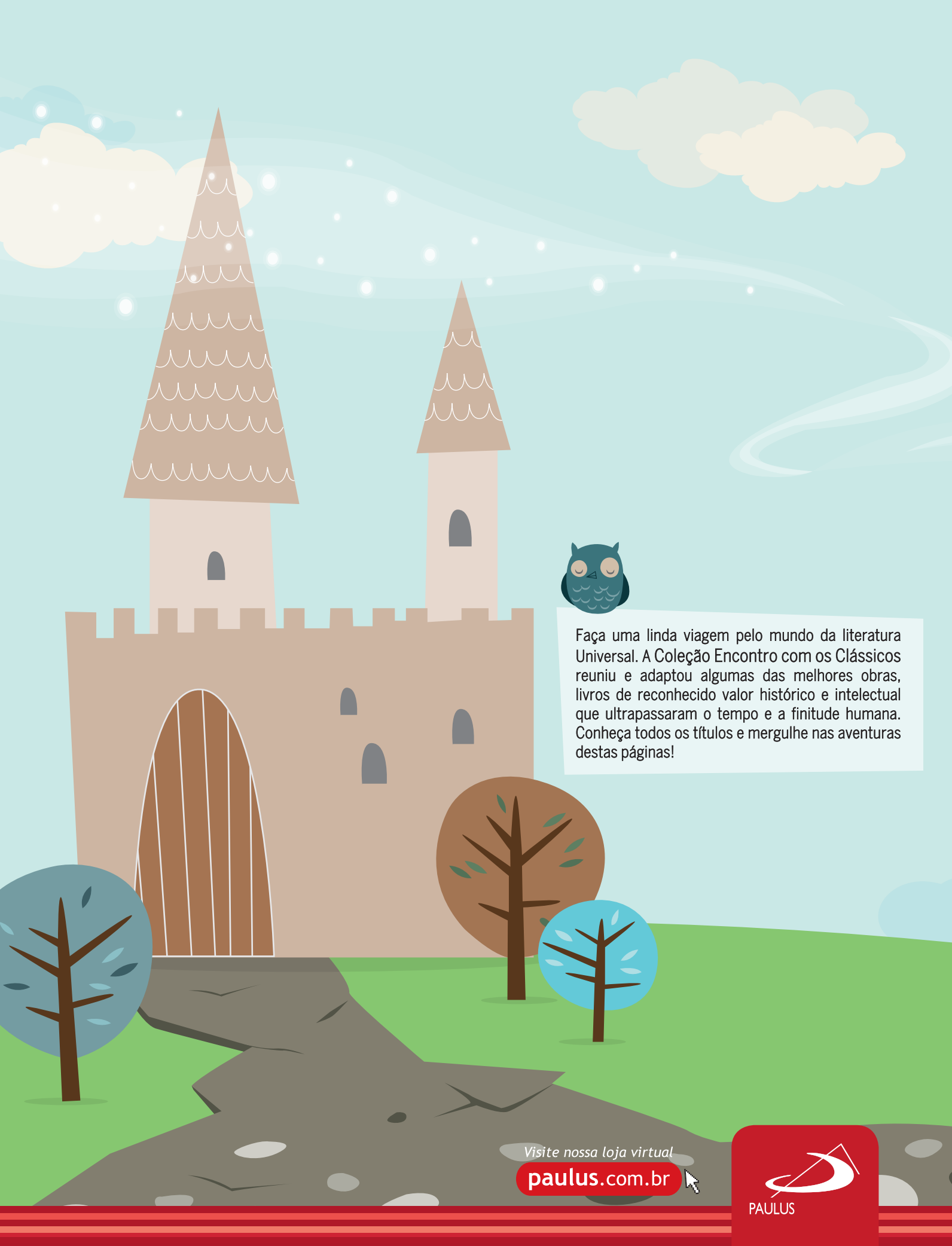
Como a música pode ajudar nos processos de aprendizagem e aguçar o lado artístico de cada um

### Saúde

A compreensão como arma para atenuar Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade

### Autópolis

Videojogo auxilia no ensino de várias disciplinas por meio da tecnologia



Faça uma linda viagem pelo mundo da literatura Universal. A Coleção Encontro com os Clássicos reuniu e adaptou algumas das melhores obras, livros de reconhecido valor histórico e intelectual que ultrapassaram o tempo e a finitude humana. Conheça todos os títulos e mergulhe nas aventuras destas páginas!

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS

# As leituras que marcaram a história

irão marcar a história das suas leituras!



Confira os outros títulos.



# Sumário

06

## Entrevista

### No ritmo da música

A professora, cantora, escritora, contadora de histórias Bia Bedran fala essencialmente sobre contar e cantar.

14

## Bem-estar

### O sono necessário

Como enfrentar situações que atingem cada vez mais os alunos e podem comprometer o desenvolvimento escolar?

16

## Saúde

### Compreensão é a melhor maneira para atenuar os efeitos do déficit de atenção

por Breno Rosostolato

18

## Tecnologia

### Game com situações reais colabora com o ensino, a conscientização e a construção de valores

A ideia é que o aluno aprenda e exerça seu pensamento crítico com a linguagem dos games, que já conhece bem.

21

## Pedagogia

### O tempo de aprender

Enquanto as crianças chegam cada vez mais cedo às escolas, discute-se também a melhor forma de fazer o tempo render.

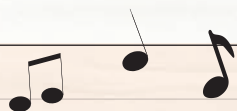


25

## Capa

### Ensino em “alto e bom som!”

Como alguns educadores lidam com o tema da música na escola? Veja diversas ideias para incentivar os dons artísticos dos alunos, a partir de experiências realizadas em São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros lugares.



30

## Arte

Um sonho de cinema,  
por Júnior Silveira

# Seções

11

## Reflexão

A cada tempo,  
por Alexandre Carvalho

12

## Filosofia

Filosofia: ainda tem lugar para ela na Escola?  
por Mario Sergio Cortella

20

## Literatura

Um passarinho poeta,  
por Antonio Iraldo

32

## Li, Gostei e Recomendo!

Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade,  
por Dulcinéia Mendes

34

## Sala de Aula

Projeto *Conhecendo Rubem Alves e suas histórias*,  
por Escola Bilboquê de Educação Infantil e Ensino Fundamental

36

## Páginas Abertas Indica

Cordel, lendas, poesia, filosofia e música estão entre as nossas indicações.

38

## Crônica

Duas meninas na praça,  
por Douglas Tufano

Encarte

## Especial Formação de Professor

O fabuloso ambiente de sonhos e emoções torna-se uma grande oportunidade para convidar as crianças a entrarem no fantástico mundo da leitura. A partir da história da garotinha chamada De Noite, apaixonada pelas estrelas e pelo escuro, também surgem muitas oportunidades para que o professor trabalhe temas como a aventura, a fantasia e a imaginação. O livro *A menina De Noite*, escrito por Ronaldo Monte, com ilustrações de Veruschka Guerra, pode ser trabalhado ainda pelo olhar da ética, saúde e pluralidade cultural como temas transversais.

# Páginas *Abertas*

Ano 38 – nº 53 – 2013  
ISSN 1414-4638

**Diretor Presidente**  
Valdir José de Castro

**Diretor-geral**  
Paulo Bazaglia

**Diretor de Difusão**  
Abramo Parmeggiani

**Diretor de Produção**  
Evandro Antônio Mazzutti

**Diretor de Redação**  
José Dias Goulart MTB 20.698

**Conselho Editorial**  
Tom Viana, Dília Ludvichak,  
Ricardo Aretini e Marcelo Balbino

**Arte**  
Thiago Rodrigues Vieira Lucio

**Reportagem e Edição de Texto**  
Marcelo Balbino

**Revisão**  
Departamento Editorial PAULUS

**Colaboradores**  
Alexandre Carvalho, Antonio Iraildo Alves de Brito,  
Beatriz Tavares de Souza, Breno Rosostolato,  
Douglas Tufano, Dulcinéia Mendes, Júnior Silveira  
e Mario Sergio Cortella.

**Redação**  
Rua Francisco Cruz, 229 – 04117-091  
São Paulo – Tel.: 11 5087-3742  
FAX: 11 5579-3627  
paginasabertas@paulus.com.br

#### Atendimento ao Leitor

Tel.: (11) 3789-4000

assinaturas@paulus.com.br

A revista PÁGINAS ABERTAS é uma publicação da Pia Sociedade de São Paulo. Nenhum material dessa publicação pode ser reproduzido sem prévia autorização. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas desta obra e sua editoração.

Entre em contato conosco caso queira citar algum artigo.

**A assinatura da revista  
PÁGINAS ABERTAS é gratuita.  
Para mais informações,  
ligue: (11) 3789-4000**

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a posição da revista.

paulus.com.br



## Editorial

# Combinação sonora: música e ensino!

Lá vamos nós em mais um ano. Um novo tempo feito de muito esforço, trabalho, dedicação e alegrias. Reforçamos a todos os educadores nossos votos de muito sucesso e prosperidade nesse início de ano letivo. E que os planos e sonhos do ano anterior possam ser realizados, para o crescimento pessoal e profissional.

Da nossa parte, seguimos com o compromisso de estar a seu lado e de ampliar também o nosso esforço para que a revista esteja sempre em suas mãos durante o ano todo.

Para começar nosso ano com bastante alegria e descontração, preparamos uma edição bem “sonora” repleta de ritmo e melodia. Nossa matéria de capa aborda a utilização da música em diversas instituições de ensino. São projetos criativos, conduzidos por professores apaixonados por arte, que aproveitam ao máximo seus recursos por todo o Brasil. Embarque nessa viagem de sons pela primeira orquestra quilombola do Brasil, no Amapá, além de ritmos cariocas, paulistas, entre outros sons.

Desejamos que a música invada as escolas e se misture com muitas disciplinas e processos de aprendizagem. Para complementar o ritmo da nossa jornada, a nossa entrevistada da edição é a multicultural Bia Bedran. Professora, musicista, atriz, palestrante, contadora de histórias, apresentadora são algumas das suas ricas experiências. Ela nos conta como a música entrou em sua vida, fala dos projetos para a capacitação de professores e a importância do cantar e contar para as escolas.

Como o tempo não para, resolvemos falar justamente dele! Saiba com qualidade os especialistas aconselham colocar uma criança na escola e qual seria a carga horária inicial. Conheça também qual o papel das escolas, dos pais e professores na importante missão de educar.

E tudo isso é só o começo do ano. E para entrar no ritmo de 2013 sem dormir no ponto, realizamos uma reportagem com especialistas sobre o sono, um dos vilões da vida moderna e a sua influência nos estudos.

Conte ainda com o já tradicional suplemento Formação de Professor, além das experiências de escolas relatadas em Sala de Aula e a coluna Li, Gostei e Recomendo. Mais um ano com nossa marca e a nossa querida equipe de colaboradores como Mario Sergio Cortella, Douglas Tufano, Alexandre Carvalho e Antonio Iraildo.

Desejamos a todos ótima leitura! Até a próxima edição.

**Equipe Páginas Abertas**

No ritmo da

# Música

Compositora, cantora, contadora de histórias, música, atriz, apresentadora de TV, escritora e professora recentemente aposentada, ainda jovem, aos 55 anos. A área de atuação da menina nascida em Niterói (RJ), que desde cedo batucava nas panelas da mãe, vai muito além dos seus 8 CDs, 2 DVDs e 11 livros publicados. Conheça um pouco mais sobre a sua valiosa contribuição, semeada em palestras, oficinas e aulas-espetáculos por todo o Brasil.



Divulgação

## Desde quando começou o seu trabalho com música?

A minha relação com a música vem desde a infância e meu trabalho como cantora e compositora profissional começou quando eu tinha 17 anos. Desde a infância eu comecei a aprender a tocar violão, flauta doce e a participar do grêmio da escola e de festivais da canção, isso vem desde cedo mesmo. Eu fazia música antes de aprender a tocar flauta e já cantarolava com quatro anos de idade, fazendo pequenas canções. Eu contava

para minha mãe essas invenções e ela não acreditava muito, ficava rindo. Com o passar do tempo percebeu que isso era real e que essa coisa toda nasceu comigo.

## A sua ampla área de atuação envolve trabalhos como atriz, escritora, musicista, compositora, entre outras atividades. Afinal, o que veio primeiro?

O que veio primeiro foi a música. Eu era uma menina que gostava de ler histórias e sempre tive essa alegria de

poder musicar e cantarolar. Ficava batucando, fazendo ritmo em panelas, inclusive meu irmão também se interessou pelo violino. Com a literatura também foi assim, primeiro como ouvinte de histórias, depois como leitora. Já aos oito, nove anos, adorava fazer uma redação e ficava sempre escrevendo o jornalismo da escola. Posso dizer que a palavra sempre esteve presente, tanto a cantada como a lida ou mesmo a escrita.

## A escola teve alguma influência em sua carreira?

Sempre! Teve grande influência porque sempre gostei muito da disciplina de língua portuguesa e adorava as aulas quando tinha interpretação de texto, redação. Fui muito estimulada no antigo primário. A minha escola era pequena, mas a diretora valorizava muito a questão das pessoas que gostavam de escrever e faziam redações. Assim, logo que eu comecei a escrever, saía criando pequenos textos, poemas e contos. Na época, havia muitos concursos de redação, existiam as chamadas “gincanas literárias” e isso ajudou muito para que eu me tornasse uma criadora.

### **A família também contribuiu com essa formação?**

Totalmente. A minha mãe, Wanda Bedran, já tocava violão e foi dona de escola antes de eu nascer. Ela era diretora de um jardim de infância pintado todo de cor-de-rosa e que era considerado revolucionário. Tempos mais tarde até fiz uma canção muito importante, já perto dos meus 30 anos, em homenagem ao jardim de infância dela.

### **Como é para você trabalhar com música?**

A música faz parte da minha vida mesmo. Eu ensinei música para centenas de crianças, professores, educadores. Minhas palestras são regadas com o meu violão com a musicalidade, não somente com a música na pauta. Não me formei para ser professora das questões técnicas da música como harmonia e composição.

### **E como você começou?**

No início da minha carreira, era professora de musicalização e depois migrei para a questão da arte, de cantar e contar. Comecei a dar aulas de música para crianças bem pequenas. Era bem jovem quando fiz educação artística e me tornei professora. Dava aulas de música no sentido holístico da palavra, não chegando à pauta, no dó, ré, mi, fá, sol. A gente musicalizava, fazia com que as crianças amassem a música. Aí trabalhei com apreciação musical e métodos bem modernos de musicalização e sensibilização. Durante uns 15 anos dei aulas para crianças e depois, na década de 90, migrei para a questão de mesclar a literatura com a música. Em seguida criei dentro da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), uma cadeira, com um trabalho de oficinas que era eletiva e se chamava a arte de cantar e contar histórias.

### **E o envolvimento com outros professores?**

Quando criei a cadeira eletiva na UERJ, aí as aulas já não eram mais para crianças, mas sim para os professores que cuidavam das crianças. Esse trabalho com os professores a gente chama de multiplicador, ou seja, multiplicador desse saber fazer. Era a teoria de que as palavras são amigas, se unem e fazem com que as pessoas se revelem criadores em seu potencial imaginário. Então, por meio desse trabalho, a gente resolveu formar educadores, encontrando muita gente que não sabia tocar nada, nem um pandeiro por exemplo.

### **E quais exercícios os professores realizavam nos encontros?**

Eu acabava produzindo rodas de percussão, danças, ciranda. Cantava essas canções, pesquisava o que eles lembravam, o que havia na sua memória, na infância. E assim levantávamos acervos e montávamos uma roda. Os educadores descobriam coisas bonitas que nem lembravam mais e aplicavam com seus alunos.

### **Então a música é a forma como você prefere se expressar?**

A música é a linguagem maior da minha vida. Com letra, sem letra, música instrumental ou de pequenos instrumentos. A música enquanto elemento formador, alçando e educando o ouvido, o corpo, o movimento. Eu, por exemplo, não consigo dar uma palestra teórica sem levar o violão! O violão vai ilustrando o que eu falo, com músicas não somente minhas, mas de MPB, folclore, entre outras. Então considero a música assim, a matéria-prima do trabalho.

### **Como está a vida de professora?**

Na verdade acabei de me aposentar na UERJ. Agora estou com meus projetos pedagógicos, viajando, fazendo as minhas oficinas e *shows*. Quem passou pelos cursos está usando em sua sala de aula, nas bibliotecas, escolas, ou seja, eles “presentificam” essa didática. Quanto aos *shows*, palestras e oficinas, esses continuam sempre.

### **Como foi a sua estreia como professora?**

Fiz um concurso público no qual me aposentei, em 1984, mas nessa época eu já dava aulas, ainda sem ser concursada. Considero que essa foi a grande estreia, dentro do Colégio de Aplicação do Rio de Janeiro (CAP). Passei em primeiro lugar e comecei a dar aula em março de 1985. Foi espetacular e lembro que estava grávida, havia uma preocupação, mas depois deu tudo certo. A escola tinha ensino fundamental e médio e eu lecionava até o quinto ano, na época. Ia todos os dias de Niterói para o Rio de Janeiro, porque é difícil niteroiense trabalhar em seu próprio município. Minhas duas faculdades foram no Rio de Janeiro, assim como meus primeiros trabalhos como atriz. Em 1975, com 18 anos, eu também fui trabalhar em uma companhia de grandes atores. Lá estavam Paulo José, Ney Latorraca, Dina Sfat, tive sorte de encontrar gente muito boa no caminho.

### **Atuar ou cantar tem algo a ver com ser professora? Um ajuda o outro?**

Eu sou dessa teoria de que um ajuda o outro porque a minha área é a arte. Uma professora de arte sempre ligada à arte, ao canto e à história da música. Então mesmo para a professora alfabetizadora ou para o educador de alguma disciplina, como ciências, por exemplo, creio que a

## Entrevista

música sempre vai ajudar. Não essa música aplicada, para ajudar na matemática, cantando operações... não é essa música de que eu falo. Mas creio que gostar de cantar, propiciar ao aluno ouvir uma bela canção, tirar o aluno da massificação sonora, isso seria uma arte para todos. Penso que isso ajuda a qualquer educador.

### **Algun segmento escolar se beneficia mais das atividades com música?**

A música ajuda se o professor canta, seja em que área for. Principalmente quem lida com a infância, sobretudo aquela professora que vai alfabetizar. Então, se ela usar a música, uma canção poética, como a banda do Chico Buarque, por exemplo, ou a minha obra, ou a obra do Palavra Cantada... só a questão de usar a música, ela vai ganhar em tudo com a criança, seja na gramática, aplicação do certo, na poética. A música é ritmo e nossa fala é música. Eu acho que a música ajuda a qualquer educador, principalmente o educador que lida com a infância.

### **Como você avalia a questão das crianças, do brincar e da tecnologia?**

Eu acho lamentável que a criança de 8 ou 9 anos já queira ganhar celular, fazer aquela leitura truncada das coisas e não exercitar legal o seu português... lamento, eu sou um pouco saudosista. Eu penso a educação e a infância de um jeito, do meu jeito. Muita gente já tem certo saudosismo, mas eu acho que existe também o pensamento contemporâneo, como eu e tantos outros que ainda botam um freio nisso.

### **E como a arte pode se relacionar com o mundo tecnológico de hoje?**

Acho que a arte vai ser um freio, porque ao mesmo tempo em que liberta pode

também breicar esse mundo tecnológico. O tecnológico está intimamente ligado ao consumismo, por causa do descartável. Fica obsoleto e o jovem quer outro, quer passar para o outro estágio, outra fase, outro equipamento. Igualzinho jogo eletrônico: é preciso passar para outro estágio, rapidamente, tem que passar. E eu sou daquelas que acredita que nós não podemos queimar etapas e que temos que tentar enfrentar esse caos com muita calma. Então nesse ponto a arte pode mostrar outros caminhos também.



### **Como aconteceu a sua entrada na literatura?**

Autores brasileiros como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, esses são maravilhosos escritores, esses, sim, escreveram inúmeras obras. Então eu, apesar

de ser mais nova que eles, ainda estou engatinhando em literatura. O legal é que meus livros são muito bem recebidos pelas crianças e educadores, porque sempre coloco uma questão no meio e as minhas histórias já são prontas para contar. Meus livros *A Sopa de Pedra* e *O Pescador; o Anel e o Rei*, vendem bem desde 1996, mas o que eu sou mesmo é compositora.

### **As composições são o trabalho principal?**

Tenho 240 composições e só 11 livros, entende? São muito mais músicas que livros. Na verdade eu tenho só 8 CDs, mas muita coisa guardada, afinal só dá para gravar 12 faixas em cada trabalho. A gente não consegue gravar tudo e também nem quero porque preciso ter composições inéditas. Isso é bom, porque eu uso nos *shows*, canto em palestras as músicas que ninguém ouviu ainda, e que não estão em nenhum disco. Claro que eu demoro mais para fazer um livro do que para compor uma canção, por isso que eu digo que sou mais compositora do que escritora, mas tento fazer um livro por ano. Tenho vários projetos em 2013, quero lançar disco e livro novos.

### **De onde vem a inspiração para as suas criações (músicas, espetáculos, livros, shows)?**

Eu observo muito a infância e tenho isso como um tema. Na verdade não gosto de criança só porque ela é bonitinha ou porque me deu mercado. Pelo contrário! Eu fiz um mercado não comercial para os pais, aqueles que tiveram seus filhos de 20 anos para cá. Esse mercado que eu abri é porque acho que a criança não pode ser o alvo do consumismo, mas é isso que ocorre, a partir da década de 80, com os programas comerciais de televisão, excluindo os da TV Cultura e da TV



Brasil do Rio de Janeiro. Eles estimulam a compra da marca, brinquedo, desenho.

### **E como combater esse consumismo?**

Quando meu trabalho entrou para fazer frente a isso, eu vim com essa ideia: a arte não pode levar ao consumismo, tem que levar até a arte, ou seja, descobrir essa alegria de inventar um brinquedo, construir coisas novas, pintar, inventar com as suas mãos, fazer um desenho. Então na verdade eu observo a criança.

### **Quem frequenta e como funcionam as suas palestras e oficinas?**

Basicamente educadores, em geral. Muitos de educação infantil. Quem lida com esse ramo tem sede de ouvir sobre o tema e essa coisa mais profunda, sobre a teoria e a prática do que fazer com a criança pequena. Isso que eu falo nas minhas palestras, o educador, professor ou ajudante da creche, seja quem for que lide com a criança, ele passa mais tempo com ela do que o próprio pai. A mãe então tem que ter um manancial de ideias, de energia, porque a criança solicita muito a sua energia mais pura, mais cristalina. Essa troca com a criança é muito fértil. Se você está passeando, contando história, levando-a a um parque, museu, muitos pais estão atentos e isso tira muito desses jogos eletrônicos, que levam a uma pasteurização do comportamento.

### **Então brincar e contar histórias são elementos fundamentais na formação das crianças?**

Nas minhas palestras eu falo: vocês não são responsáveis por essa criança, mas

vocês, educadores, que lidam com elas às vezes até o dia todo, vocês são muito responsáveis por uma boa parte da formação desses alunos. Então têm que brincar muito, contar muitas histórias e vocês mesmos têm que ler muitos livros para que possam ter muitas ideias. Eu sempre digo nas minhas palestras: todas as minhas ideias vieram da observação do próprio mundo e nasceram dos livros. Vieram dos livros orais, histórias de pessoas muito importantes na minha vida, seja por minha mãe, professores e também dos livros, os clássicos, pelos quais me apaixonei. Então vejo muitos educadores que não leem e por isso falo



para eles correrem atrás agora mesmo, para recuperar o tempo perdido. A falta de leitura é um dos grandes problemas do Brasil, um dos muito grandes, eu acho.

### **Qual é o nome da sua palestra e oficina?**

Minhas palestras enfocam a brincadeira, o fazer e a importância do lúdico. Dentro disso temos vários outros temas e muito sobre a importância das histórias, dos contos, das narrativas. A minha nova palestra sempre se chamou “A arte

de cantar e contar histórias”, esse era o nome básico e eu viajo o Brasil todo com esse tema. Eu posso falar sobre a importância da arte, da palavra, da literatura, do mergulho e do que a audição de uma história provoca. A partir dessas ideias eu levanto para a música a arte de cantar e contar histórias.

### **Existe também uma parte teórica nos cursos que você leciona?**

Eu falo sobre os filósofos que já pensaram sobre a arte e educadores, que usaram a música em sala de aula e escreveram livros. Também indico alguns caminhos, faço brincadeiras, sugiro jogos cantados e faço esses jogos com eles, manipulados, com música, com corpo, ritmo, rodas. Sou um pouco teórica e chego na prática, com a interação dos professores. Uso Paulo Freire, Jung, contos de fadas, dinâmica, audição e o cantar. Uso cantigas do folclore brasileiro ou de outro estado, gosto muito de canções anônimas, folclore e MPB. Meu trabalho não é focado na utilização da MPB para educação, mas uso também alguma coisa da nossa MPB maravilhosa e mostro que os educadores podem usar esse material que eles mesmos muitas vezes não usam mais.

### **Como você avalia a figura do professor hoje?**

O desafio está com o professor. Passei a minha vida lidando com educadores e acho que o educador brasileiro ainda faz parte de uma classe muito humilhada por causa do seu salário. Ele enfrenta dificuldade para colocar a sua autoestima

# Entrevista

lá em cima. Ao mesmo tempo, sem isso ele não consegue fazer seu mestrado, sua pesquisa, porque ganha pouquíssimo. Então para ele poder ganhar um pouco melhor, tem que se especializar, estudar, fazer o seu mestrado, mas como ele irá fazer isso se ganha tão pouco? Como conseguirá se manter? Daí tem que dar mil aulas, em mais um monte de escolas. Acho que atualmente o grande desafio mesmo é ele seguir na carreira.

## E como o professor pode fazer para enfrentar a situação?

Eu acho que o educador interessado está com muita sede e aí tenta correr atrás das coisas. Eu gosto muito dessa frase: “a falta que nos move”... então ele tem falta de um salário digno, falta de uma formação legal. Então todo o dia tem alguém querendo informação, não somente a questão tecnológica, mas a palavra, a canção. E aquela pequena criança tem que ser educada para apurar os seus sentidos, a sua própria identidade e ele procura essa complementação. O educador que busca está conseguindo superar isso, essa falta. Eu admiro muito o educador brasileiro, que às vezes dá nó em pingo d’água, no caso a maior parte do educador brasileiro. Eu admiro quando vejo um jovem educador, buscando, com muito mais dúvida do que certeza, trazendo questões, e a gente vai ter sempre isso na vida, é assim mesmo, são caminhos.

## Em suas palestras você sente uma carência manifestada pelos professores brasileiros?

Eu admiro muito o educador brasileiro! Porque a educação no Brasil está engatinhando, inclusive o respeito ao educador brasileiro, e falta muito ainda. É importante que existam muito mais entrevistas como esta da sua revista. Acho bom

que vocês valorizem o trabalho de tantos educadores, aqueles que podem falar pela sua própria experiência. Sei que muitos jovens professores precisam e querem isso e penso que todos têm que valorizar o pensamento, o conhecimento. O educador vai ser receptivo a algo que seja valorizar o fazer dele, se sentir ouvido. Nas palestras, dizemos que o professor é um contador de histórias nato! Todo o professor é um, ele já faz isso. Não há que buscar técnicas, apenas conte. Leve uma boa história, compartilhe! Os alunos estarão alimentados e você também.

## Quais os seus planos para o futuro?

Eu sempre falo uma frase para essa pergunta. “Seguir cantando!” O futuro para mim é a continuidade do nosso fazer. Eu queria muito que isso fosse para sempre. “Pela estrada afora eu vou bem sozinha”, tal qual a música do Braguinha, mas no meu caso, “eu vou pela estrada afora e não estou mais sozinha”, porque já tenho muitos artistas brasileiros preocupados, como filósofos, educadores, arte-educadores, jornalistas. Todos ocupados em construir um sonho de infância que não seja piegas, mas que tenha um sonho e que tenha isso de seguir cantando e cantando.

## Pretende lançar novos materiais?

Fazer novos produtos, escrever livros, CDs, eu não sonho mais. Se não ocorrer, vou seguir cantando. Eu sei que preciso fazer um livro e um CD porque eu gostaria de gravar, é um desejo. Se eu conseguir, ótimo, mas se não gravar, sigo cantando. Eu tenho 2 DVs, 8 CDs e 11 livros, que são conquistas. Claro que, se eu puder fazer mais DVDs, terei material para mais dez, porém dá bastante trabalho, sai caro também e envolve muitas outras questões.



Divulgação

Bia Bedran ([biabedran.com.br](http://biabedran.com.br)) é Mestre em Ciência da Arte pela UFF (Universidade Federal Fluminense), professora da UERJ, graduada em Musicoterapia e Educação Artística, cantora, compositora, contadora de histórias e escritora. Integrante do Quintal Teatro Infantil de 1973 até início dos anos 80 e do Grupo Musical “Bloco da Palhoça”.

Apresentou os programas “Canta-Conto” e “Lá vem História”, TVBrasil/RJ e TV Cultura de SP, nas décadas de 80 e 90. Tem mais de 35 anos de carreira dedicados ao público infantil. Também escreveu 11 livros e gravou 8 CDs e lançou 2 DVDs. Nos últimos anos, viaja pelo Brasil, participando de eventos culturais e congressos, levando seus espetáculos para diversos palcos em teatros, escolas e praças públicas.

# A CADA TEMPO

Dedicado a Jurema Otaviano



Divulgação

Era noite! O céu permanecia límpido. Nenhuma nuvem...

À medida que a barra do dia avançava, as esperanças iam se desfazendo.

Há algum tempo, seu Manoel deixara de levantar antes da alvorada.

Dona Anita, também.

As crianças – sete no total – permaneciam ali... largadas... à sorte.

A roça crescia pros fundos da casa. Perto da estrada, uma velha cerca protegia esperanças perdidas ou o que ainda havia de esperanças. A estiagem tirava a força de quase tudo. Quase tudo sucumbia sob o ardor que embalava o dia. As palmas, porém, resistiam. O benjamim também. Na desolação daquele cenário, em meio aos seis, ele batia palmas e inventava brincadeiras.

“Quieta, menino!”

Ele olhava desconfiado e seguia em sua teimosia de menino: “Quieta nada!”

A terra ressequida pedia por acalento. Mas, nos últimos tempos, acalento era coisa rara.

“Menino, que é que tu tem na mão?”

“Nada, não senhô.”

“Passa qui! Me mostra!”

O pequeno veio, estendeu os braços, espalmou as mãos. Eram sementes. Pequenas sementes.

“Pra que isso, moleque?”

“Vô colocá elas na terra.”

“A terra tá seca, dura... num é tempo!”

“E quando é tempo?”

“Quando vié a chuva.”

“Num sei que é isso. O senhô deixa eu colocá elas na terra?”

“Não! Vá guardar isso! Agora!”

Se o pai ficou irritado, o restante da família era totalmente indiferente. No fundo, eles não viam razão para tanto alarde. O caçula já estava com cinco anos, e há cinco anos não chovia. Que diferença fazia as sementes guardadas no canto da cozinha ou espalhadas pelo quintal?

Sem que se percebesse, as sementes foram desaparecendo. Sem que se percebesse, o tempo foi mudando. Sem que se percebesse, os corações se

tornaram como a terra. Numa noite sem aviso, um vento forte. Numa noite sem aviso: gotas, espanto, assombro, terror.

“Pai, chegô o tempo!”

“Acho que sim... Acho que sim...”

Nem tudo havia mudado. Certas coisas não mudam. É bem verdade que tudo ao redor se cobria de verdura e, em volta da casa, aqui e ali, o menino via surgir da terra sentimentos frágeis de felicidade... As sementes, quando germinam, têm o poder de trazer felicidade.

“Menino, que cê tá fazendo aí?”

“Nada, não senhô. É que eu sabia que o tempo ia chegá.” E sorriu...

\*Alexandre Carvalho é coordenador do editorial infantil-juvenil da PAULUS. E-mail: [infantojiuvenil@paulus.com.br](mailto:infantojiuvenil@paulus.com.br)



# Filosofia:

## ainda tem lugar para ela na Escola? \*\*



Divulgação

É muito difícil dizer o que é a Filosofia, pois isso exigiria a explicação de uma essência idealista; dela, em geral, pode-se apenas perguntar: o que sendo a Filosofia? É meio estranha sintaticamente essa construção, mas ela expressa, no limite das palavras, o caráter histórico do fazer filosófico. A Filosofia, à semelhança do Demônio bíblico que, por Jesus perguntado quem era, disse “o meu nome é Legião, porque somos muitos” (Mc 5,9), é plurifacetada.

No seu desenvolvimento histórico no Ocidente, ela já foi – em sua origem grega – A **Ciência** (única, pois todas “eram” ela); já foi mera ferramenta auxiliar e mundana da Teologia no mundo medieval europeu; já foi um

pensar sobre o próprio pensamento a partir do Renascimento e, *grosso modo*, desde lá se veio fazendo, no dizer de Bertrand Russell, em “**ciência dos resíduos**”, isto é, mal um conhecimento adquire alguma objetividade e precisão dentro dos parâmetros científicos vigentes, perde o nome de Filosofia e passa a ser uma ciência particular. O que “sobra”, e do que ainda não se dá conta, continua sendo Filosofia.

A Filosofia vem sendo essas e muitas outras coisas, mas há algo que tem permanecido historicamente, a despeito dessas diferentes destinações: a Filosofia como busca do sentido (em dupla acepção: como significado e como direção).

A trajetória do pensamento ocidental permite captar uma constante nas reflexões filosóficas: a busca dos porquês e dos para onde. Quase sempre, as outras áreas do conhecimento que não receberam ou não recebem o nome de Filosofia têm se dirigido à busca dos comos e dos quando.

Por isso a Filosofia é necessária: por lidar com uma das faces do conhecimento e da existência humana – nem a melhor nem a mais importante, apenas uma delas.

A Filosofia confunde-se com sua história – a História da Filosofia – exatamente porque é nela que se expressa a forma como algumas pessoas, em de-

terminadas épocas, movidas por interesses específicos e inseridas no confronto das classes sociais, responderam aos porquês e para onde! E é por isso, também, que ela “foi” crítica/dogmática, conservadora/revolucionária etc. e continua sendo.

A sua necessidade manifesta-se na contínua e processual colocação da pergunta pelo sentido das Coisas, do Mundo, do Humano, do Conhecimento.

Ora, a pergunta pelo sentido tem um significado especial para o aluno de Ensino Médio, pois é nesse momento de escolarização que ele entra em contato mais estreito com um conjunto de conhecimentos que serão definitórios na sua atuação como cidadão e profissional.

Assim, o conhecimento, para esse tipo de aluno, não é apenas um instrumento momentâneo de uma possível transição para o Ensino Superior – apesar de toda a estrutura do sistema educacional caracterizar o Ensino Médio como uma espécie de “purgatório” em direção ao “céu” universitário.

No entanto, em função da média da idade do aluno – absorvido, em nossa organização social, pelos “ritos de passagem” dirigidos ao mundo adulto e “produtivo” – e em função da própria organização da grade curricular, há um favorecimento da distinção entre “conhecimentos produtivos” e “conhecimentos acessórios”.

Além do mais, como escrevemos em *A Escola e o Conhecimento* (Cortez), a quase totalidade de nossos alunos e da população em geral está estigmatizada, involuntariamente, por uma compreensão do real como um produto acabado, finito; também a compreensão do produto científico (da teoria, principalmente) fica reclusa dentro

de um determinismo histórico bastante fixista ou – quando muito – de “inspirações individuais” dos cientistas e pensadores famosos. Por não vislumbrarem o aspecto processual do passado, não conseguem perceber a continuidade disso e, consequentemente, a ideia de transformação da realidade ou de elaboração de conhecimentos adquire um sentido quase mágico ou transcendental.

O conhecimento tem uma especificidade inerente que o liga à História na sua estrutura e conjunturas e que é, em cada época, manifestado em seu sentido, de diferentes maneiras, pela Filosofia. Por isso, um esforço que cabe ao ensino de Filosofia no Ensino Médio é o de relativizar a origem dos conhecimentos científicos, não como forma de desqualificá-los (o que seria abstruso), mas como um rico veio para possibilitar a historicização da produção humana e diminuir a presunção aleatória contra o passado e contra os não escolarizados.

A grade curricular do Ensino Médio está impregnada de conteúdos científicos a serem transmitidos sem que, necessariamente, desponte a pergunta sobre o sentido deles. Tem faltado uma discussão que insira o caráter ideológico de cada uma das disciplinas e sua contribuição na estrutura de manutenção ou ruptura das formas de dominação e desigualdade social, como consequência das condições de produção e repartição do produto científico socialmen-

“  
**É fundamental que o ensino de Filosofia se faça presente em meio a outras formas de conhecimento(...).**”

te ela-  
borado.

É evidente que à Filosofia não cabe um papel de guardiã da liberdade e da igualdade e, em nome dessa guarda, policiar o trabalho desenvolvido pelas outras ciências. A melhor contribuição que a Filosofia pode dar à compreensão do sentido ideológico – conservador e transformador – dos conhecimentos produzidos pela Humanidade na sua história, é apontar esse sentido dentro da própria Filosofia, retirando a aura de “inutilidade” ou “divindade” que ela carrega.

Vale revigorar a reflexão de Michel Foucault, logo na abertura do *Nascimen-*

*to da Clínica* (Forense): “Falar sobre o pensamento dos outros, procurar dizer o que eles disseram é, tradicionalmente, fazer uma análise do significado. Mas é necessário que as coisas ditas, por outros e em outros lugares, sejam exclusivamente tratadas segundo o jogo do significante e do significado? Não seria possível fazer uma análise dos discursos que escapasse à fatalidade do comentário, sem supor resto algum ou excesso no que foi dito, mas apenas o fato do seu aparecimento histórico?”

É fundamental que o ensino de Filosofia se faça presente em meio a outras formas de conhecimento e possa situar as teorias como representação de um tempo, um espaço, um interesse.

É fundamental que a Filosofia não esconda sua origem histórica nem assuma um caráter místico de condutora, ainda que profana, das verdades.

\*Filósofo e escritor, com mestrado e doutorado em Educação pela PUC-SP, da qual é professor-titular e na qual atuou de 1977 até 2012; é autor, entre outras obras, de *Não Espere Pelo Epitáfio...* (Vozes), *Não Nascemos Prontos!* (Vozes) e *Não Se Desespere!* (Vozes), todas com o subtítulo *Provocações Filosóficas*.

\*\*Excerto, organizado e modificado pelo autor, de CORTELLA, M. S. *Filosofia e Ensino Médio: certas razões, alguns senões, uma proposta*. Petrópolis: Vozes, 2009.

# O sono necessário

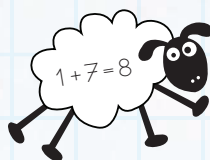
Como enfrentar situações que atingem cada vez mais alunos e podem comprometer o desenvolvimento escolar?

Quem nunca se deparou com algum aluno caindo de sono ou literalmente dormindo em sala de aula? A situação, que tem aumentado nos últimos anos, pode representar o resultado da qualidade de vida das pessoas que residem nos grandes centros urbanos e que levam uma vida constantemente atribulada. Independente dos motivos que resultam na situação descrita, a questão deve ser olhada com atenção, uma vez que pode influenciar diretamente a vida dos estudantes, tanto dentro como fora da escola.

De acordo com o Dr. Renato Stefanini, otorrinolaringologista geral e médico da Associação Brasileira do Sono (ABS), da Clínica Stefanini, em São Paulo (SP), a questão pode influenciar o rendimento escolar dos alunos. “Uma

criança ou adolescente que dorme mal não consegue ter um bom rendimento escolar porque vai apresentar uma sonolência diurna aumentada, falta de atenção, alterações cognitivas, entre outros fatores. Assim, o rendimento escolar, certamente prejudicado, vai refletir na vida desse indivíduo. Outras atividades, como a prática de esportes, cursos extracurriculares, por exemplo, também podem ser influenciadas pela má qualidade do sono”, explica Stefanini.

Diante da situação, questiona-se também se o professor poderia ajudar e qual deveria ser o seu papel. A psicóloga Cristina Maria de Oliveira Magalhães, do colégio Santo Américo, em São Paulo (SP), aperfeiçoada em Psicanálise Lacaniana e Especialização em Adolescência na



Photoexpress



Contemporaneidade, avalia que, nesses casos, o professor pode interagir. Ela comenta que, ao perceber um aluno com muito sono, é sempre importante que o professor se aproxime dele e pergunte se teve alguma quebra na rotina, evento que o preocupou ou se está com algum incômodo na escola ou em casa. Isso não só como forma de compreendê-lo melhor, mas também de buscar a maneira mais adequada para auxiliá-lo em suas dificuldades e realizar uma melhor leitura do cotidiano e adaptação do aluno à escola e à situação de aprendizagem. “Caso o aluno relate cansaço, sono ou narre uma rotina familiar que não favoreça um bom desempenho escolar, cabe sim, ao professor, entrar em contato com a família e pontuar suas preocupações a esse respeito, os efeitos que vêm sendo observados no ambiente escolar como decorrência disso, alterações de humor, aumento de agressividade, pedidos constantes de atenção, tendência à distração, queda de produção, queixas frequentes ou excesso de cansaço”, opina Cristina. Segundo ela, na sociedade atual, estamos criando indivíduos muito agitados, a quem não permitimos momentos de pausa, de “fazer nada” e, ao contrário disso, a uma interação ilimitada a estímulos passivos de objetos eletrônicos que não viabilizam o contato consigo mesmo, a reflexão, a parada. “A falta de sono tem exatamente a ver com esta cultura que ocupa a criança o tempo todo, visando atender às expectativas de produtividade, competitividade no mundo e mercado de trabalho nas quais estamos submersos, sem nos darmos conta de que elas ainda não estão preparadas nem precisam dar conta disso”, lembra Cristina.

Mesmo considerado um fator natural e extremamente simples, nem sempre dormir bem é um ato que a maioria das pessoas consegue realizar de forma adequada rotineiramente. Os benefícios de uma boa noite de sono, conforme explica o Dr. Stefanini, começam com o adequado funcionamento fisiológico do organismo. Outros fatores destacados pelo especialista são a reposição energética, a produção e liberação de alguns hormônios, metabolismo de algumas substâncias, processo que ocorre nesse período. “O hormônio do crescimento (GH), por exemplo, é liberado durante uma fase específica do sono, chamado sono de ondas lentas. Portanto, uma criança que apresenta algum distúrbio e não dorme a quantidade suficiente, nessa fase do sono, pode ter problemas de crescimento”, conta o Dr. Stefanini.

## A contribuição dos professores

O Dr. Stefanini destaca que algumas características podem ser observadas nos alunos, sugerindo algum distúrbio de sono: “Nas crianças menores, a presença de hiperatividade, agitação, falta de atenção, respiração pela boca constante e ronco, quando a criança dorme na escola”. Segundo ele, no caso dos adolescentes, percebe-se a sonolência excessiva, quando o aluno dorme muito nas aulas, além de alterações de atenção e memória. “Os professores podem sugerir aos pais a necessidade de uma avaliação por um médico especialista ou que o assunto seja discutido com o pediatra da criança”, lembra o Dr. Stefanini.

O momento vivido pelos alunos também pode influenciar a tão sonhada noite de sono. Por isso contam o relacionamento familiar, mudanças, separações, perdas, assim como o próprio relacionamento com a escola e as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem. “A adolescência costuma ser um período de relutância para dormir, não só por uma mudança fisiológica que altera o metabolismo e o funcionamento do corpo, mas também pela profusão de afetos, excitação, frustrações e demandas a serem enfrentadas”, reforça Cristina. Nesse período, segundo ela, os estudantes aumentam a agitação e muitas vezes até evitam o contato com o mundo interno.

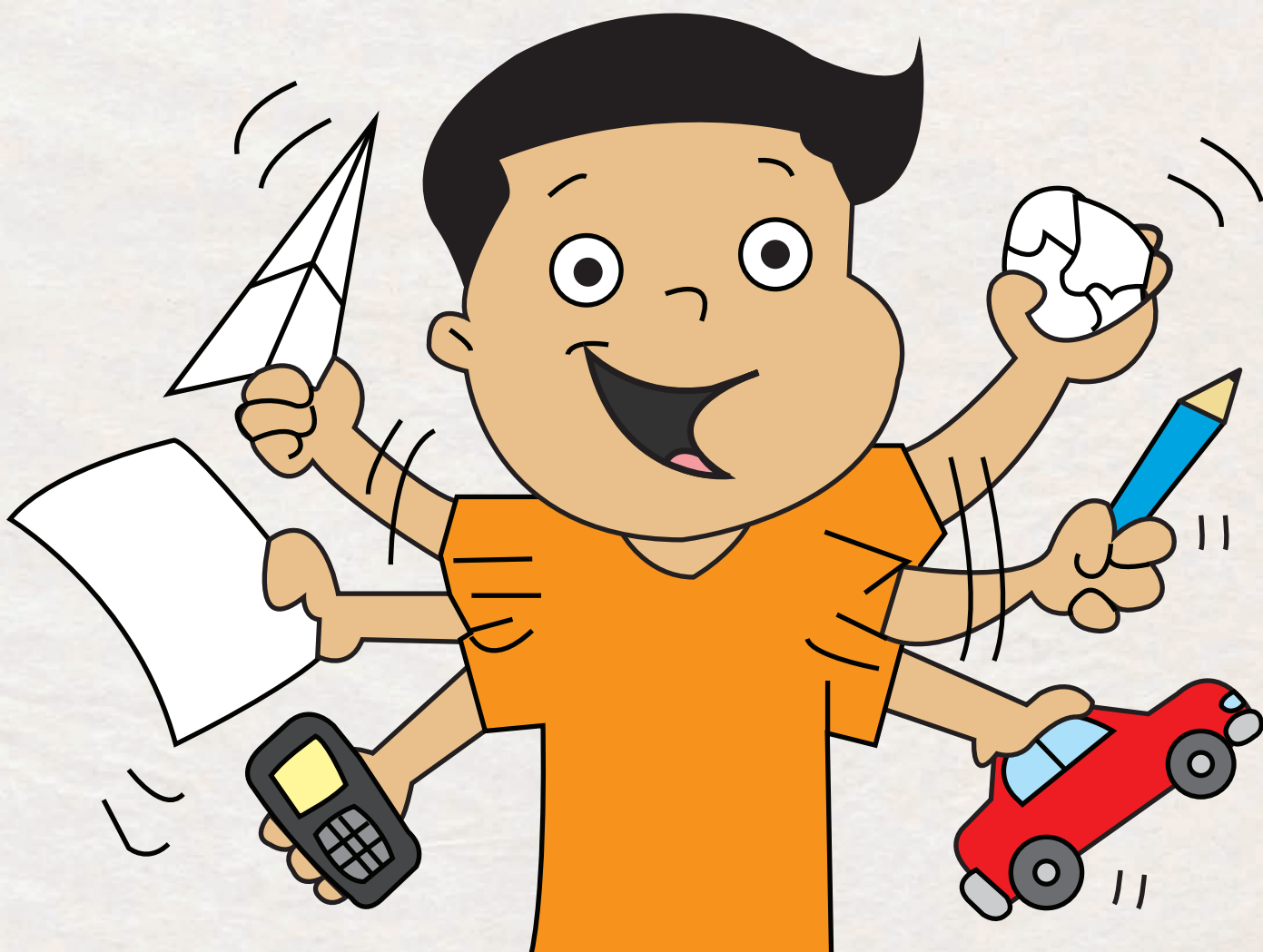
Entre as dicas recomendadas para uma boa noite de sono, destacam-se o ambiente: confortável, silencioso e escuro. Também não se deve realizar outra atividade no ambiente de dormir como assistir à televisão, exercícios da escola, comer, entre outros. “Alimentação saudável e atividades físicas também são importantes, pois o sobrepeso e a obesidade representam um forte fator de risco para o desenvolvimento da apneia do sono”, alerta o Dr. Stefanini.

A psicóloga do Colégio Santo Américo Cristina Magalhães sugere uma espécie de preparação para o sono, com algumas etapas que visam à desaceleração das atividades cotidianas: “Os aparatos eletrônicos devem ser desligados bem antes da hora estipulada para o sono. Atividades mais calmas e que já vão levando a uma retirada do mundo e entrada no estado de relaxamento devem ser propostas nessas horas que antecedem a ida para o quarto”.



# Compreensão

é a melhor maneira para  
atenuar os efeitos do  
déficit de atenção





O Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um conflito comum no âmbito escolar. O problema transforma um ambiente produtivo e de crescimento em um espaço destrutivo e marcado pela indisciplina. A dificuldade de aprendizagem que tanto o caracteriza abala os preceitos básicos da vida escolar, atrapalha a rotina, cria conflitos na família e desestabiliza o papel do próprio professor. Por isso, devem-se vislumbrar alternativas para tratá-lo. O TDAH precisa ser visto como fenômeno que pode ser tratado e superado, e não como doença.

Cada caso merece análise individual, para posteriores conclusões e tratamento. A falta de um ambiente alfabetizador em casa e na escola contribui para o agravamento dos problemas da criança que tem esse transtorno. É preciso buscar metodologias que contemplem as diversas necessidades de cada uma, respeitadas suas especificidades. Desta forma, faz-se necessário conhecer o aluno minuciosamente, seu cotidiano e sua vida familiar, para que, quanto mais cedo forem diagnosticadas as dificuldades, mais rápido seja encontrada a solução.

A desatenção é um dos traços do TDAH e é caracterizada tanto pela dificuldade em prestar atenção a detalhes quanto pelo erro em atividades escolares, fruto do descuido. Em contextos assim, a criança aparenta não escutar quando lhe dirigem a palavra e não finalizar as tarefas propostas, deixando de internalizar regras e de cumprir com suas obrigações. Ora, se ela não compreende a importância das solicitações feitas pelo professor — como lição de casa, disciplina em sala de aula, tratamento adequado com os colegas, bons hábitos de higiene etc. —, certamente não serão feitas. E a desatenção não afeta apenas seu rendimento, mas também o material escolar, que deixa de ser preservado como deveria.

No tocante à hiperatividade, outro indício de TDAH, inquietude e movimentação ininterrupta de mãos, braços e pernas são traços típicos. Em sala de aula, quem sofre com isso não fica sentado e anda pela sala mexendo com os colegas. Corre, agita e atrapalha os demais; rompe o silêncio porque gera conflitos e barulho. Falar em demasia, inclusive, denuncia a intensidade de seus pensamentos.

A impulsividade, mais uma particularidade do TDAH, pode ser notada em respostas dadas antes da conclusão da pergunta, na interrupção das atividades dos colegas e na dificuldade de esperar a vez. Acrescente, ainda, agitação psicomotora e mental, ansiedade e até agressividade.

A frustração dos professores em não conseguirem lidar com a dificuldade do aluno pode levá-los a imediatismos. Uma

leitura simplória induz o educador a julgamentos preconceituosos. É do professor que se espera clareza quando analisados os acontecimentos em sala de aula, já que é ele quem serve de modelo e quem consegue detectar instabilidades em seus alunos. Cabe a ele também mediar o diálogo entre a escola e os pais, que precisam ser convocados a participar ativamente da vida escolar do filho. Muitos deles, ao contrário do que se espera, transferem para a escola a responsabilidade pela educação da criança e delegam a professores o papel que deveria ser deles.

A conscientização do problema, o acolhimento por parte do professor, a colaboração da escola e o envolvimento maciço dos pais contribuem para o controle e a diminuição do TDAH. Encaminhar os casos diagnosticados a profissionais especializados é um importante passo para um trabalho eficaz e mais aprofundado do TDAH.

---

\*Breno Rosostolato é professor de Psicologia na Faculdade Santa Marcelina.





com situações reais colabora com o ensino, a conscientização e a construção de valores

Fundação Volkswagen lança videojogo com cardápio de atividades ao professor. A ideia é que o aluno aprenda e exerça seu pensamento crítico com a linguagem que já conhece bem.

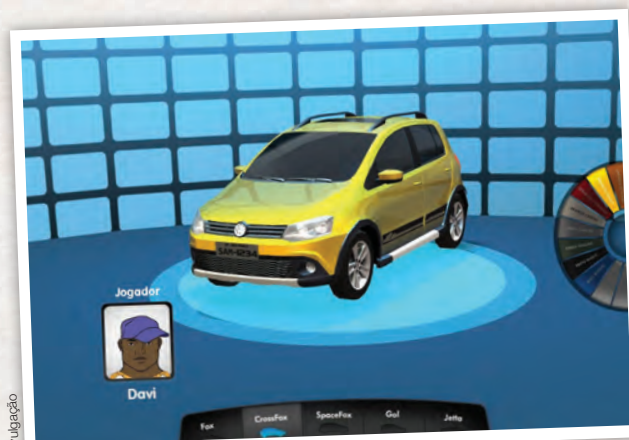
Os investimentos realizados por meio das fundações de grandes empresas, nacionais e internacionais, há um bom tempo incrementam o segmento do ensino e educação. Com o passar dos anos, tais iniciativas encontraram novos desafios, como descobrir instrumentos mais apropriados e linguagem específica para alcançar seu público: crianças e jovens estudantes.

Diante dessas preocupações em manter um diálogo efetivo com os alunos, a Fundação Volkswagen, que tem 30 anos de existência, sendo nove deles com projetos em educação, lançou o videojogo Autópolis. Trata-se de um jogo do tipo tabuleiro, porém construído em tecnologia 3D e que conta com uma narrativa que envolve dicas de segurança, legislação no trânsito e cidadania. O projeto está sendo implementado nas redes de ensino de municípios paulistas como Araraquara, São Carlos, Ibaté, Itirapina, Descalvado, Ribeirão Bonito, Dourado e Corumbataí. Nesses locais, os educadores do ensino médio e das séries finais do ensino fundamental passam por formação para abordar temas sobre segurança e cidadania no trânsito em sala de aula.

“A fundação sempre teve um DNA ligado à educação e à formação continuada do professor. Posteriormente foi escolhido um foco, que seria então os pequenos, ou seja, os próximos condutores de veículos”, conta Conceição Miranda, Diretora da Fundação Volkswagen. De acordo com ela,

a proposta agora é oferecer um grande portal que vai discutir diretamente todas as ideias em torno do jogo e dar continuidade ao projeto com aquilo que existe de mais moderno. Ou seja, os professores poderão trocar experiências diretamente do portal do jogo, onde também poderão registrar suas experiências sobre recursos digitais.

Autópolis levou dois anos para ser criado, entre as diversas pesquisas realizadas, tanto por professores como por especialistas, incluindo a Cidade do Conhecimento da USP, coordenada pelo professor Gilson Schwartz. “A proposta como um todo foi realizada em parceria com a USP e com



Divulgação

uma supervisão pedagógica, ou seja, o jogo segue uma linha didática, para quem pensa a educação”, lembra Mário Lapin, diretor da Virgo Game Studios, empresa parceira da Fundação Volkswagen na criação de Autópolis.

O projeto “Jogo da Vida em Trânsito” é composto pelo jogo Autópolis e pelo roteiro de aula para educadores, com sugestões de atividades relacionadas ao tema, que poderão ser utilizadas junto aos alunos. O objetivo da ação é oferecer aos educadores mais uma ferramenta para conscientizar os jovens, que em breve serão condutores, sobre segurança e atitudes responsáveis no trânsito.

A causa da Fundação Volkswagen também está focada em ajudar a reverter uma situação alarmante: dados do Ministério da Justiça, divulgados em 2011, mostram aumento de 32,4% nas mortes de jovens em decorrência de acidentes no trânsito entre 1998 e 2008. Para completar as estatísticas negativas, as mortes registradas por ano no país giram em torno de 40 mil pessoas e têm como fator determinante o comportamento imprudente dos motoristas.

“A Volkswagen, por meio da Fundação, investe na educação como ferramenta para a transformação social, e o projeto ‘Jogo da Vida em Trânsito’ vai ao encontro dessa premissa. Buscamos envolver principalmente os educadores nessa iniciativa, oferecendo material de apoio específico, que dá suporte para discussão do tema em sala de aula, em qualquer disciplina”, conclui a diretora da Fundação Volkswagen, Conceição Mirandola.

## COMO FUNCIONA O JOGO?

O jogo está disponível no *site* da Volkswagen ([www.vw.com.br/autopolis](http://www.vw.com.br/autopolis)). Autópolis tem as suas regras e pode ser jogado *on-line* ou presencialmente com 1 a 4 jogadores no mesmo computador. Além da narrativa, com perguntas abertas, existe um *ranking* com episódios que podem ser longos ou curtos, variando normalmente entre 15 minutos até 1 hora.

Voltado para jovens (futuros condutores), cada jogador escolhe um carro e recebe missões durante o processo e cria situações para refletir sobre atitudes cidadãs no trânsito.

Além do conceito de brinquedo, conhecimento e formação, os professores também dispõem de materiais específicos. Entre eles uma proposta pedagógica e as regras do jogo, que também estão disponíveis na internet. Dessa forma espera-se que o educador se mantenha no centro da atividade



com as suas orientações, incentivando os estudantes a partir do jogo, vivenciando o conjunto de boas práticas e a construção de valores.

Durante a partida, cartas virtuais podem ser usadas como acessórios, providências, vantagens ou para se movimentar pela cidade chamada Autópolis. Nela existem limites de velocidade, semáforos, radares, e os infratores estão sujeitos a penalidades, caso não respeitem a legislação de trânsito. “O legal é que o professor é o contextualizador de tudo e orienta o aluno tanto antes como depois das partidas. O jogador vai somando ou perdendo pontos, por exemplo, se beber e dirigir perde pontos”, lembra Lapin.

A ideia da Fundação Volkswagen é manter o projeto em ação, juntamente com coordenadores nacionais de educação e agentes. Após os contatos com secretarias e prefeituras, surgiu a adesão dos primeiros municípios. “Trata-se de um adicional de aula, diante das possibilidades que o jogo oferece. Colhemos algumas informações de professores e coordenadores pedagógicos também, mas o jogo apresenta um tema transversal e qualquer professor pode abordá-lo. Até mesmo o caso trágico de uma colisão, pode ser visto pelo âmbito da matemática ou da física”, finaliza Conceição Mirandola.

O trânsito também é uma das questões globais dos estados e do país, presentes nas diretrizes de conscientização e segurança nacional, como o Pacto Nacional pela Redução de Acidentes no Trânsito – Pacto Pela Vida, do Governo Federal, e a Década de Ação Pelo Trânsito Seguro, da ONU, que estará em vigor até o ano de 2020.

VEJA  [www.vw.com.br/autopolis](http://www.vw.com.br/autopolis)

# Um passarinho poeta



Divulgação



Patativa do Assaré, poeta popular. Popular no sentido mais original da palavra, porque poeta do povo. Ele compôs poesia erudita também, fazendo cair por terra os rótulos rígidos, as dicotomias abissais. Para falar de Patativa, uma palavra basta: poeta. Poeta que no princípio fora violeiro, repentista, cordelista. E ao longo da vida foi isso tudo junto.

A audição pela primeira vez da declamação de um cordel abriu-lhe os ouvidos e despertou-lhe a vontade de beleza. A revelação do belo lhe veio pelos ouvidos. Seus versos são fartos, vertidos como que de água limpa de cacimba, nas fontes oásicas do sertão.

Antes de ser “pássaro”<sup>1</sup> e alçar voo pelo mundo da poesia, Patativa é Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002). Nasceu na Serra de Santana, comunidade rural do município da pequena Assaré (cidade a 623 km de Fortaleza),

ao sul do Ceará. Ele foi agricultor-poeta. Na mesma terra em que cultivou o grão de milho, de feijão, a raiz da mandioca, a semente de algodão, também semeou a palavra vital. Vital porque na secura do sertão fez verter “água poética” de vida, de esperança e de beleza por meio de sua voz.

Aos quatro anos de idade, o pequeno Antônio ficou cego do olho direito, consequência do sarampo e da falta de atendimento médico na longínqua Assaré. Com o passar dos anos, o olho esquerdo vê apenas vultos. Na velhice, cega totalmente.

Ainda na infância, bem cedo, uma janela de encantamento e beleza se abre para ele. Trata-se de seu contato com a poesia de cordel. O horizonte da criação poética se vislumbra à sua frente. O menino Antônio está em meio às vozes da literatura de cordel, que em sua terra era peça comum no cotidiano das pessoas.

Ao entrar em contato com a poesia de cordel, o pequeno Antônio percebe que pode explicar o mundo por meio da palavra. A partir desse momento de “epifania”, passa a ver o mundo, senti-lo com olhos e tato de poeta. A poesia se torna para ele o espaço da liberdade. Ela será seu “brinquedo” até mesmo nas horas de trabalho na roça. Sim, será distração, mas também peleja, briga, arenga com as palavras.

“(…)  
Meu verso é como a simente  
Que nasce inriba do chão;  
(…)

Canto as fulô e os abroio  
Com todas coisas daqui:  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí.

(…)  
Assim que óio pra cima,  
Vejo um diluve de rima  
Caindo inriba da terra.”

Nesses fragmentos e no poema todo, é como se o poeta declamasse um “hino ao sertão”: rimas, ritmo, canto, tudo é dádiva. Para o eu poético, o sertão é belo, é o espaço da contemplação. A poesia está em toda parte: nas flores, nos abrolhos. Ela cai do céu como um dilúvio de rimas em cima da terra, tornando a paisagem cheia de vida, pois em todo canto “há um verso se bulindo”.

Patativa traduz o sertão pela beleza. Ao invés de uma imagem de dor, miséria, esterilidade, o sertão é belo, cheio de sonoridade, de vida. Se no sertão existe fome, miséria e outras mazelas, isso se dá noutra ordem: pelo descaso político ou por uma visão deturpada de quem o vê apenas na aparência e do lado de fora. O título do poema *Cante lá que eu canto cá* parece indicar isso, pelo qual o poeta cobra a autoridade de cantar o sertão: “(…) a dor só é bem cantada, cantada por quem padece”.

Conhecer Patativa e sua obra é conhecer um pouco mais o Brasil, usando uma expressão do próprio Patativa: o “Brasil de baixo”. Apreciar sua poesia é entrar em contato com uma expressão artística que nasce da força, da resistência e da criatividade peculiar do “mundo dos simples”.

O poeta faleceu em 8 de julho de 2002, aos 93 anos, deixando um grande legado poético.

1. Batizado com o nome de Antônio Gonçalves da Silva, depois “crismado” como Patativa, nome de uma ave canora do sertão.

\*Antonio Iraldo Alves de Brito é autor do livro *Patativa do Assaré: Porta-voz de um povo*, jornalista, mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. É editor de educação da PAULUS. Blog: <http://cordovento.blogspot.com>

# *Especial* *Formação de* **PROFESSOR**



**A menina  
De Noite**

*Encarte da revista*  
**Páginas**  
*Abertas*

**Edição 53**



PAULUS

**Formato  
prático!**



Para retirar este encarte, basta  
juntar as oito páginas  
e puxá-las.

## A riqueza dos sonhos e do imaginário

O rico ambiente de sonho e emoção apresenta-se como uma grande oportunidade para iniciar as crianças no maravilhoso mundo das letras. É a história da garotinha chamada De Noite, apaixonada pelas estrelas, pelo escuro e fascinada pelo momento em que o sol dá lugar para a lua. A obra, escrita por Ronaldo Monte, desperta questionamentos sobre o comportamento das pessoas enquanto dormem, além da existência do inconsciente e o mundo dos sonhos. O livro é rico em ilustrações e inspirado por muitos poemas entre a aventura, a fantasia e a imaginação. Dessa forma, o professor tem em mãos uma história com vida própria cheia de beleza e rica em detalhes.



### Apresentação

Interessante narrativa que mostra as vivências de uma garotinha enquanto dorme.

### Justificativas

O livro é indicado para leitores iniciantes, mas pode perfeitamente ser trabalhado com os mais experientes, pois o texto é rico em figuras de linguagem. A temática desperta questionamentos sobre o nosso comportamento enquanto dormimos. Por que sonhamos? O que leva as pessoas a sonharem? Todos nós sonhamos?

### Projeto Pedagógico

Como conhecer os mecanismos do estado inconsciente humano durante o sono.

### Temas Secundários

Aventura, fantasia, imaginação.

### Áreas do Conhecimento

Língua Portuguesa, Artes, Literatura, História, Geografia, Ciências Naturais, Psicologia.

### Temas Transversais

Ética, saúde, pluralidade cultural, meio ambiente.

### Indicação

Ciclo um: Indicado para alunos do primeiro ao segundo ano.

### Objetivos

Contextualizar a obra, o autor e a ilustradora; levar o aluno a ler e a atribuir sentidos ao texto, permitindo-lhe desenvolver as habilidades da escrita; elaborar atividades que evidenciem a linguagem como sistema simbólico de representação.



**Título:** A menina De Noite

**Autor:** Ronaldo Monte

**Ilustrações:** Veruschka Guerra

**Formato:** 24 cm x 20,5 cm

**Número de páginas:** 32



\*Beatriz Tavares de Souza é mestre em Linguística Aplicada e pós-graduada em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Tem licenciatura plena em Língua Portuguesa e é bacharel em Língua Espanhola, também pela PUC-SP.

## Sugestões para atividade

### Antes da Leitura

Para desenvolver as atividades, busque os conhecimentos dos alunos sobre o tema. Pergunte: Você já reparou como é o céu durante a noite, o brilho da lua e das estrelas? Você já se perguntou por que sonhamos?

### Durante a Leitura

Explore a linguagem das ilustrações observando as linhas, as cores e as formas com os alunos. Analise a capa e descreva oralmente como são compostas as imagens a partir dos elementos e das posições das personagens. Peça-lhes que reparem nos elementos das ilustrações de cada página. Pergunte: As imagens trazem algum significado? Sugerem algum lugar? Qual?

### Iniciando a Leitura

Leia o livro com os alunos e monitore o processo, comentando o assunto tratado e levando-os a pensar no mundo das estrelas. Pergunte-lhes: O que pode haver no mundo dos sonhos? Você já imaginou como seria viver nele? Quais lugares você gostaria de visitar durante o sono? O que faz algumas pessoas dormirem bem e outras não?

## Atividades

### Ler, trocar ideias e responder!

Como exercício de compreensão da leitura, sugerimos organizar os alunos em duplas ou em trios. Solicite-lhes:

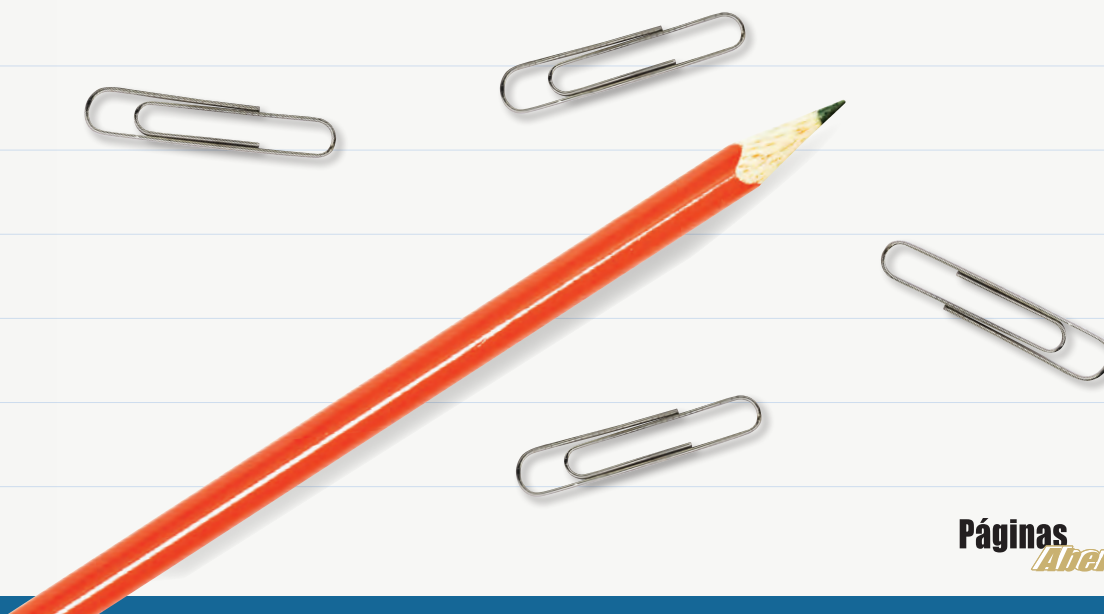
1- Uma leitura silenciosa.

2- Uma conversa com os colegas sobre o texto. Oriente-os a perguntar o que entenderam ou o que não entenderam sobre o tema. Não se esqueça de pedir que falem qual trecho mais lhes chamou a atenção.

### Vocabulário

Peça que sublinhem as palavras que não conhecem e em seguida tentem descobrir o significado por meio da leitura.

O dicionário pode ser consultado somente se houver dúvidas. As palavras e os seus sentidos devem ser escritos nos cadernos.



## Mapeando o texto

1- O livro menciona que De Noite tinha outro nome, mas se esquecia dele. Que nome seria esse? Qual você imagina? \_\_\_\_\_.

2- Qual a parte do dia de que a menina mais gostava? \_\_\_\_\_.

3- Complete, descrevendo o que a menina gostava na noite: “Gostava da noite e de suas \_\_\_\_\_; de seus \_\_\_\_\_; de seus \_\_\_\_\_ e dos seus \_\_\_\_\_”.  
“De Noite gostava de cair no sono como quem cai \_\_\_\_\_, como quem cai \_\_\_\_\_.”

4- E você, qual parte da noite de que mais gosta? \_\_\_\_\_. E do dia? \_\_\_\_\_. Por quê? \_\_\_\_\_.

5- De acordo com o livro, a menina vai para a cama “morta de sono”, vendo seus pensamentos virarem filme. Para você, o que isso significa?

a) Significa que De Noite começa a sonhar assim que adormece.

b) Significa que De Noite tem o costume de ficar na cama “sonhando acordada”.





## Lendo as ilustrações

Escreva o número da página em que você vê:

- A menina parada no portão do sonho: \_\_\_\_\_.
- Equilibrando-se na beira do abismo: \_\_\_\_\_.
- Dormindo no leito da noite: \_\_\_\_\_.
- A boca enorme da aurora engolindo a noite: \_\_\_\_\_.

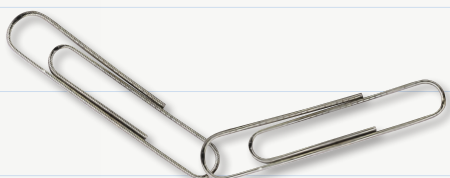
### Agora é com você!

- Você também vai para a cama “morto(a) de sono”?
- A que horas você vai dormir? Muito cedo ou muito tarde?
- Você tem o hábito de sonhar?
- Já teve algum sonho interessante?
- É capaz de lembrar e contar para os colegas sobre esse sonho?
- Você fica triste quando acorda e vê o dia? Por quê?

### Para refletir

Converse com os colegas para trocar ideias e depois responder:

- Faça um círculo na frase que pode caracterizar um sonho.  
 “Ela anda de bicicleta pela calçada todos os dias.”  
 “Às vezes a menina passeia, sem ser notada, pelo meio de coisas que se movem.”  
 “Ela pisa sem medo o rabo do leão.”
- Escolha um fato considerado impossível para o mundo real.
  - Beber as lavas do vulcão.
  - Passear na praia e ver a marca de seus pés.
  - Encontrar no mar um cavalo-marinho, uma estrela-do-mar, conchas e caracóis.



## Outras questões

Releia o trecho tirado do livro: “Dorme a menina no leito da noite. Cobre a menina um ar de cambraia. A noite vela a menina. Noitenina. Meninoite”.

1- Agora, explique com suas palavras o que pode significar os termos “leito da noite” e “ar de cambraia”. \_\_\_\_\_

2- Separe as sílabas das palavras “noitenina” e “meninoite”. \_\_\_\_\_.

3- Complete as lacunas mostrando quais palavras você conseguiu construir com as sílabas separadas: \_\_\_\_\_te;  
me \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ni \_\_\_\_\_.

4- A noite vela a menina. Em sua opinião, quem mais além da noite pode velar as pessoas enquanto dormem? \_\_\_\_\_

Escreva dentro do desenho abaixo o nome das coisas vistas por De Noite durante seus sonhos:



Depois de fazer os exercícios, imagine uma pessoa sonhando e desenhe-a.

## Um assunto puxa o outro...

### Para refletir e discutir:

Conversem com seus colegas e pensem nas pessoas que estão sofrendo neste exato momento com o frio, a falta de uma casa e de uma cama quentinha para dormir. O que podemos fazer para ajudá-las? Escreva ou desenhe nos seus cadernos.

## Desafio

Em grupo, dupla ou sozinho(a), escreva um texto endereçado ao autor relatando as coisas mencionadas no livro com as quais um dia você já sonhou. Mencione também o que sentiu quando acordou.

## Sugestões para avaliação

Participação nas atividades e atendimento às propostas de trabalho (individuais ou em grupo).

Ressaltamos que as atividades aqui propostas oferecem subsídios para a mediação do trabalho pedagógico com a obra *A menina De Noite*, da PAULUS, e que não pretendem ser determinantes do trabalho desenvolvido em sala de aula, tendo em vista que somente o professor conhece as necessidades específicas de sua turma.



*Projeto Pedagógico  
encartado junto com a revista*

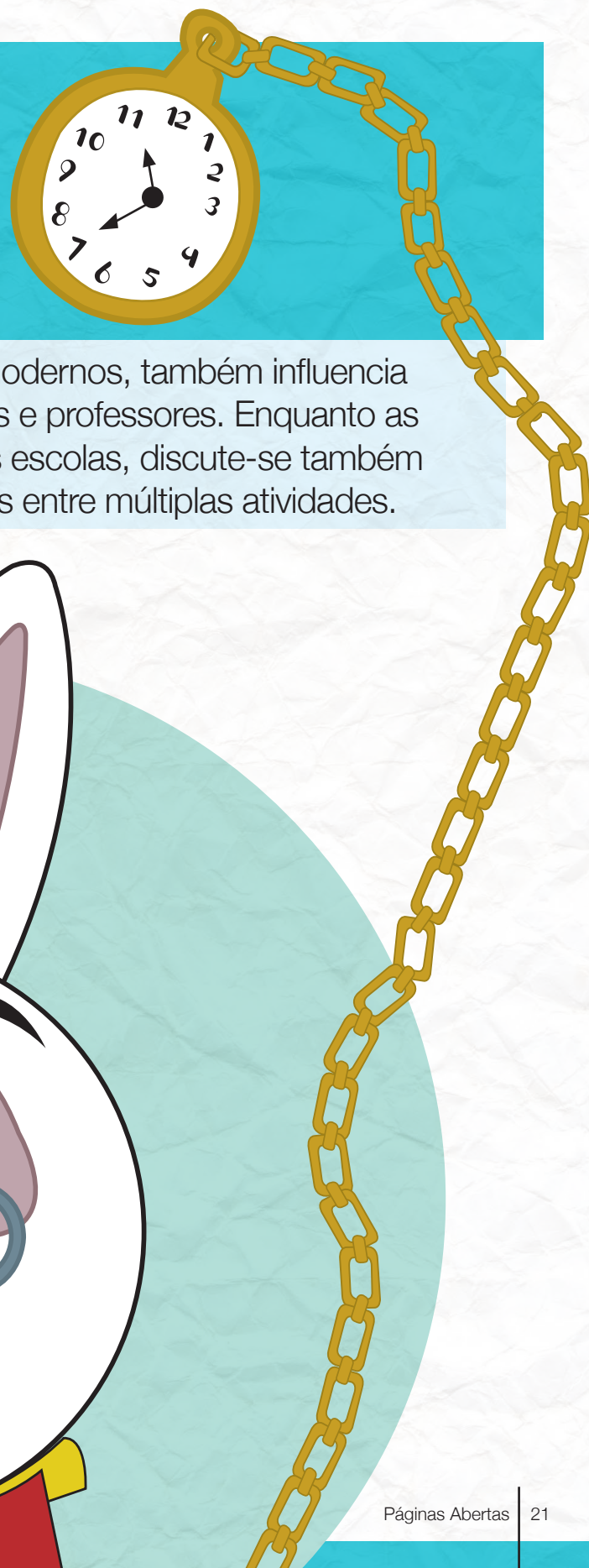
# **Páginas** *Abertas*



PAULUS

*Conheça outros projetos pedagógicos no site:  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br)*

# O tempo de aprender



O fator tempo, tão valorizado nos dias modernos, também influencia o cotidiano dos estudantes, escolas, pais e professores. Enquanto as crianças chegam cada vez mais cedo às escolas, discute-se também a melhor forma de fazê-las aprender mais entre múltiplas atividades.



O assunto é amplo e o tema se desdobra em muitos outros fatores, mas afinal qual é a influência do tempo, ou da falta dele, nos sistemas de ensino? Mais tempo na escola significa mais aprendizado? Quais atividades devem compor os dias de um estudante, essa agenda deve variar conforme a idade? Com o objetivo de tentar responder a essas perguntas ou ao menos levantar questões sobre um assunto tão amplo, conversamos com algumas especialistas sobre o tema.

A história se repete especialmente entre os casais mais jovens. Ambos trabalham, começam uma vida juntos e então chegam os filhos. O atual ritmo da vida moderna nem sempre permite que os pais fiquem ao lado dos filhos por tanto tempo quanto gostariam e muitas vezes esse relacionamento já se rompe com o fim da licença maternidade.

Entre as soluções para os momentos terríveis de separação diária dos filhos, estão os parentes, os amigos e a escola, conforme o ritmo da vida de cada um. Mas será que existe uma idade determinada para a criança ir para a escola?

De acordo com a psicopedagoga, professora de Geografia e História, especialista em Educação Profissional, Psicopedagogia Institucional e Clínica, Maria Salete Corrêa Carvalho, de Santa Catarina, hoje a criança está indo para a escola cada vez mais cedo: “Penso que até os dois anos a criança deva ter o aconchego da família, principalmente da mãe. Até essa idade ela tem muitas necessidades a serem supridas, como a atenção na hora da alimentação, higiene (idade das fraldas), além de cuidados quanto à prevenção de acidentes, entre outros cuidados inerentes. Mas cada caso é diferente”.

Entre essas diferenças a professora exemplifica com o seu próprio caso, como mãe de três filhos. O primeiro e o segundo entraram na escola quando tinham três anos de idade, mas, diferente dos outros, o mais novo só aceitou ir para lá aos cinco anos.

Atualmente, de acordo com a especialista, o aluno precisa estar exposto ao conhecimento para aprender. Portanto, se passar mais tempo na escola, o seu rendimento poderá melhorar e ele tornar-se ainda mais sociável. Porém a solução entre o tempo e o aprendizado não reside apenas na permanência da criança na escola, e sim em conseguir alcançar a motivação de cada aluno. Daí vem a importância de cada escola procurar abordagens atraentes e dinâmicas para que realmente se desenvolva nos alunos o gosto pelo raciocínio e pelo conhecimento.

Nas escolas em que os alunos permanecem por mais tempo, a atenção deve ser estendida também. “Para que o aluno fique sob a responsabilidade da escola por mais tempo, devemos considerar, além da estrutura física, incluindo salas de música e teatro, quadra de esportes, um local que ofereça também orientação em tempo integral. A ideia é promover a realização das tarefas e estudos, proporcionar momentos de lazer, acesso à tecnologia, desenvolver hábitos de convivência e de higiene”, reforça a professora Maria Salete e complementa lembrando que talvez a idade ideal para a criança começar na escolinha seja a partir dos três anos, com um tempo de permanência da criança na instituição em torno de quatro horas diárias. “Se esse tempo for prolongado, a criança poderá apresentar cansaço e menor rendimento, além da necessidade de contato maior com os pais, o que é essencial nessa fase”. Ainda de acordo com a especialista, o tempo em que um professor fica com a criança pode auxiliar a atingir o melhor desempenho de sua função de ensinar, prestar atendimento individualizado para atender necessidades dos alunos. “A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, tanto direitos como deveres. Assevero que não existe ‘certo’ ou ‘errado’, ‘melhor’ ou ‘pior’, a questão está na elaboração de estratégias lúdicas e que contemplem a fase de desenvolvimento e o ritmo de aprendizagem de cada um”, sinaliza a professora Maria Salete.

## Educar, tarefa compartilhada

Muitas vezes as crianças passam mais tempo da vida na escola e não em casa. Porém, tanto os pais como o colégio podem e devem compartilhar informações em benefício da formação educacional do aluno. “Com a interação aluno e escola e a participação efetiva dos pais na vida escolar dos filhos é possível alcançar resultados relevantes. Lembrando que não podemos delegar somente à escola a educação dos nossos filhos”, diz a professora Maria Salete.

De acordo com ela, fica evidente que a presença e a participação dos pais é de suma importância no desenvolvimento integral da criança, seja físico, emocional e espiritual.

A questão do tempo e da sua organização se tornou uma tarefa cada vez mais necessária e presente na vida das pessoas, desde a sua infância. Por isso também é importante que a criança, os pais e a escola possam se integrar e

lidar com o tema. Atualmente, não é raro encontrar alunos com gigantescas cargas horárias que incluem boa parte do tempo na escola, atividades extracurriculares, como esportes, aulas de idiomas, música, informática. A questão principal não é deixar ou incluir este ou aquele curso, mas sim aprender a dividir o tempo de forma que todos estejam felizes e saudáveis.

Especialistas recomendam avaliar a real necessidade de uma atividade e dar prioridade às ações. Por exemplo, as provas e lições são cada vez mais frequentes no ambiente escolar e quando se trata de crianças, normalmente poderá existir a ajuda dos pais. Assim, torna-se necessário fazer um acordo, estabelecendo uma rotina, em torno de muito diálogo, para que tudo seja realmente cumprido. A sugges-

tão é de uma rotina que contemple a fase de desenvolvimento da criança e incentive-a na construção dos seus próprios horários.

Muitos alunos às vezes assumem tarefas por obrigação e chegam a queixar-se de cansaço. Dessa forma, é necessário refletir sobre a necessidade de escolher tarefas que contemplem a faixa etária do estudante, assim como a necessidade da inclusão de atividades lúdicas, visando evitar o estresse e o cansaço cotidiano. “O aluno deve ter tempo também para brincar. Esse é um horizonte que muitas vezes se perde, por parte dos pais e da escola, excedendo-o em atividades extracurriculares e afazeres, nas horas de descanso e das brincadeiras. Precisamos da elaboração de conteúdos que incitem o estudante ao prazer e alegria das atividades”.

## Alunos, escolas e pais: um convívio que deve ser equilibrado

Para explorar um pouco mais o assunto, entrevistamos a psicóloga infantil comportamental e arte-educadora Jéssica A. Fogaça. A profissional também possui aprimoramento em intervenção em dificuldades de aprendizagem acadêmica e curso de formação em terapia analítico-comportamental infantil. Também é pesquisadora do fenômeno Bullying desde 2008 e autora de diversos artigos sobre esse tema e Sexualidade Infantil. Para completar, Jéssica é autora do capítulo “Imagem Corporal” do livro *Oficinas de Sexualidade para Adolescentes Sob Enfoque Comportamental* e do capítulo “A Fase dos Porquês” do manual *Sexualidade Também é Coisa de Criança* e atua como psicóloga clínica e também como palestrante, arte-educadora e contadora de histórias. A seguir você confere a entrevista sobre algumas questões relacionadas entre o tempo, a escola, os pais, temas que estão cada vez mais na pauta de quem vivencia a educação.

### **Existe uma idade ideal para a criança começar na escola? Qual?**

Pesquisas recentes comprovam que quanto antes a criança entrar na escola, melhor se desenvolverá e se socializará de maneira mais ampla. Segundo uma pesquisa americana, a partir dos três anos de idade é que se têm os melhores resultados de desempenho da criança.

### **Como os pais podem escolher a melhor escola para seus filhos? O que devem levar em consideração?**

Para escolher uma boa escola, os pais devem pensar no que eles querem para os seus filhos e buscar escolas

que dialoguem com a sua filosofia de vida. Ou seja, devem pesquisar escolas que condizem com suas crenças e seus valores.

### **Existe uma faixa de tempo ideal para a criança ficar na escola? Ou isso pode variar conforme a idade ou outros quesitos?**

O tempo que uma criança pode ficar em uma escola é bastante variável e vai depender das atividades que a escola oferece. Escolas em tempo integral, por exemplo, precisam disponibilizar períodos para descanso e lazer, que são fundamentais para o desenvolvimento da criança.

## **Qual é a responsabilidade dos pais em escolher a melhor escola e como devem proceder nessa fase com os filhos?**

A melhor escola dependerá de cada família, de como os pais educam os filhos e pensam o seu futuro. Devem pesquisar várias escolas antes de tomar a decisão e incluir a criança nesse processo, pois será ela que passará muito tempo dentro daquela instituição; então, é importante que a criança também goste e se sinta bem no ambiente. Quanto mais a criança participar do processo de escolha da escola, mais facilmente se adaptará depois.

## **Qual é a responsabilidade da escola ao receber as crianças e, sobretudo, cuidar delas, uma vez que muitos alunos ficam mais tempo lá do que em casa?**

Hoje em dia, a responsabilidade da escola é muito grande e, infelizmente, ela teve que assumir algumas responsabilidades que são originalmente da família. Isso acaba sendo um dano para o relacionamento interfamiliar, que perde algumas experiências da criança e um pouco de sua autoridade junto aos filhos. A escola e as professoras, em geral, acabam assumindo muitas coisas e tendo que educar as crianças, o que pode não ser condizente com o que a família esperava. Portanto, é fundamental a escola tentar dialogar com a família e manter um laço estreito com esta.

## **Como a escola pode se programar para ficar muito tempo com crianças que ainda estão formando a sua personalidade?**

A escola deve investir em atividades que contribuam para a socialização e desenvolvimento da autonomia, além de proporcionar atividades de lazer e períodos de descanso para a criança que fica na escola em período integral.

## **Dá para dizer que o papel da escola é tão ou mais importante que os dos pais? Ou não? Escola e pais devem dialogar? Como deve ser esse contato?**

Ambos os papéis são importantes. Cada um tem a sua função para o desenvolvimento saudável da criança. A escola é responsável pela educação formal e a família pela constituição do sujeito e por transmitir os valores morais. Escola e pais devem dialogar, pois o trabalho a ser feito com uma criança é integral, precisa ser realizado

no sentido de desenvolver todos os potenciais da criança. Para isso é importante que cada um faça a sua parte e não sobrecarregue o outro.

## **O tempo que a criança passa na escola depende da idade que ela tem?**

Não, o tempo que a criança passa na escola depende do tipo de instituição em que ela está matriculada, das atividades que essa escola oferece.

## **Como a escola deve fazer para manter a criança ocupada durante um longo período?**

Deve oferecer atividades diversas para que a criança possa, inclusive, escolher aquela de que gosta mais ou para qual tem maior aptidão. As atividades extras são muito importantes porque darão à criança a chance de estar envolvida em algo de que ela goste e possa se desenvolver, sem estar necessariamente relacionada a um conteúdo acadêmico.

## **Existe algum modelo que a escola deve ter ou exercer para estar sempre perto dos alunos?**

Para estar sempre perto dos alunos, a escola precisa abrir os canais de comunicação com os estudantes e com a família: com os alunos, para saber o que eles querem e esperam da escola; com a família, para ter apoio e outras informações importantes para o desenvolvimento da criança.



Photopress



# Ensino em

“alto  
e  
bom  
som!”



Educadores incentivam dons artísticos e musicais dos alunos e comprovam que os sons são agradáveis instrumentos de aprendizagem

**R**ock, MPB, sertanejo, *funk*, eletrônico, erudito, *jazz*... e por aí vai a infinidade de ritmos musicais presentes no cotidiano. E os ritmos não param, da mesma forma que se estende a gama de professores, alunos e projetos voltados para o exercício de sensibilidade e criatividade que os sons trazem. São experiências com turmas de todas as idades, ritmos, cores, além de uma infinidade de instrumentos e sons.

A seguir fizemos um arranjo com algumas experiências sonoras. Elas demonstram que a música está e continua em alta, ou melhor, em “alto e bom som”, espalhando ensinamentos, descontração e alegria.

Na escola Santi, de São Paulo (SP), que atua no ensino Fundamental I e II, as crianças entoam cantigas populares diariamente com as professoras e ouvem músicas em diferentes momentos do dia. “Ao pintarem, por exemplo, costumam colocar uma música ao fundo, para tornar a atividade ainda mais especial. Além disso, uma vez por semana, as crianças têm aulas com um professor especialista em música. Temos uma parceria com o espaço musical para realizar este trabalho”, diz Priscila Cante-ri, coordenadora da escola. Ao longo do ano, as crianças também aprendem algumas canções e até escolhem as suas preferidas para as cantorias diárias. Em roda, os

# Capa

alunos cantam, dançam e eventualmente contam com o apoio do rádio para animar ainda mais as atividades. Com o decorrer das séries, as crianças continuam ampliando não só seu universo de cantigas, como também aprendem outras músicas e brincadeiras cantadas. Na Escola Santi, todos os professores de educação infantil, inclusive os especialistas (educação física e inglês), realizam rodas de música com seus alunos. O arsenal para a atividade envolve som, CD, clipes da internet, livros com repertório de cantigas e violão.



## Pelas bandas cariocas

Do Rio de Janeiro também ecoam as lições musicais do Instituto Iguaquano de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, em Nova Iguaçu (RJ). De acordo com a coordenadora pedagógica de educação infantil Renata Ferrari, a criança interage permanentemente com o ambiente sonoro que a envolve, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. “Inserimos um trabalho pedagógico-musical, que é realizado em contextos educativos nos quais a música é entendida como processo contínuo de construção e envolve sentir, experimentar, criar, perceber etc. De maneira ativa e lúdica, os alunos de educação infantil têm aulas musicais uma vez na semana com a professora de música e diariamente em sala de aula ou em algum espaço da nossa escola”, lembra Renata. Para a tarefa, a música é utilizada como recurso e com o objetivo do desenvolvimento afetivo cognitivo. Além disso, visa transmitir culturas e valores; conhecimento musical; trabalhar o equilíbrio cor-



poral por meio da dança; promover a inclusão e explorar o senso rítmico dos alunos. Na programação são realizadas atividades que formam etapas para um processo final, tendo como fechamento a bandinha do segundo semestre. No começo do ano, os alunos conhecem os instrumentos, aprendendo seu nome e a maneira correta de manuseá-los. Em seguida, a professora de música promove atividades lúdicas que desenvolvem ritmo, imaginação musical, atenção, percepção e musicalidade. “Entre as atividades estão dançar na tinta conforme a música; brincar de maestro; contar histórias, deixando que os alunos façam a sonoplastia com os instrumentos; marcação de ritmo com músicas infantis, além das noções de forte, fraco, rápido, devagar”, lembra a professora de música de educação infantil Camila Brito.

## Música: idioma universal

Em algumas instituições, o ensino da música transita por várias disciplinas, seja a matemática ou a física para a teoria musical e utilização dos instrumentos, assim como o ensino de idiomas. No Colégio Raposo Tavares, São Paulo (SP), isso ocorre especialmente na aprendizagem do inglês e do espanhol. A proposta é ajudar na fixação de vocabulários e conteúdos, tornando a aula cada vez mais lúdica, com a música inclusa na grade curricular da escola. Os alunos iniciam com a flauta, trabalham a percussão corporal, ritmos, além de descobrirem que alguns objetos simples podem se transformar em instrumentos. Uma lata de leite ou de tinta e uma caneta se transformam em tambor, na música.

O colégio Raposo Tavares destaca que um dos aspectos positivos de trabalhar a música é lidar com o envolvimento dos alunos em grupo. As aulas também incluem exercícios de respiração, postura, concentração, entre outros. Os profissionais que geralmente estão envolvidos com o tema são os da área de línguas, música e os professores polivalentes de educação infantil e ensino fundamental I. Para tanto, eles utilizam recursos como o próprio corpo, áudio, vídeo, além da reutilização de materiais para fazer instrumentos. O programa, sempre voltado para os alunos das diversas faixas etárias, é pensado de maneira específica e individual para cada uma delas. “Temos retorno ao perceber que os alunos passam a apreciar a música como elemento cultural, além de ficarmos com a certeza de que trabalhamos a atenção e a concentração dos alunos, as quais se estendem às demais disciplinas”, destaca Livia Bulgarelli, coordenadora pedagógica da escola.



## Amapá: primeira orquestra quilombola do Brasil



Da região norte do país a música também ecoa e se espalha. A comunidade do Curiaú, no Amapá, lança a 1ª Orquestra Quilombola do Brasil. O projeto visa à inclusão social de crianças e adolescentes e à inserção no mercado de trabalho pelo aprendizado da música.

A Orquestra Quilombola do Curiaú é o primeiro polo musical, dos dez que serão organizados pelo projeto “Sistema de Bandas e Orquestras do Estado do Amapá – Escola Livre de Música”, da Associação Educacional e Cultural Essência (AECE).

O grupo é formado por 60 componentes afrodescendentes do Curiaú, mas aproximadamente 100 crianças estão inseridas no projeto. A comunidade do Curiaú fica a 12 quilômetros de Macapá, em uma região remanescente de quilombos. É a primeira do Brasil a ser registrada e titulada pela Fundação Palmares e que contabiliza pouco mais de 1,6 mil moradores. A ação conta com o apoio do Governo do Amapá, por meio das Secretarias de Estado da Cultura (SECULT), da Inclusão e Mobilização Social (SIMS), da Educação (SEED) e da Secretaria Extraordinária de Políticas para a Juventude (SEJUV).

“Este projeto é muito importante, porque qualificará nossos jovens quilombolas. Tenho certeza de que eles crescerão em todos os sentidos, porque música é cultura, entretenimento e educação. Continuaremos incentivando e apoiando iniciativas como essa”, disse o governador, Camilo Capiberibe.

A presidente da associação, Heloisa Batista, ressaltou que música clássica é ministrada aos componentes sem que eles esqueçam suas raízes. Já o maestro Elias Sampaio, idealizador da orquestra, crê que o projeto fortalecerá a musicalidade do quilombo.

“O projeto, que prevê iniciação musical com instrumentos de sopro, madeira, de corda e percussão erudita, será dividido em polos por Macapá e outros municípios do Estado”, afirmou Heloisa Batista.

A estudante Marcela Araújo, de 13 anos, conta estar emocionada com a oportunidade: “Moramos em uma comunidade afastada de um Estado isolado. Essa é uma oportunidade única, é emocionante. Agradeço a todos os envolvidos por nos dar essa chance de crescermos não só como músicos, mas como cidadãos”.

## Sábado de som



Já no colégio Viver, em Cotia (SP), as crianças trabalham com música no ensino infantil e fundamental e isso ocorre tanto com atividades específicas e instrumentais como em outros momentos. Por isso, além de estar presente também na aula específica de música, os professores de inglês, artes, filosofia, história e até de matemática também utilizam os sons.

“Uma atividade bastante tradicional que ganhou muito espaço e força dentro da escola foi um evento criado por nós: O Sábado Musical. Todo ano realizamos este evento, no qual alunos, pais e professores se apresentam musicalmente”, conta Maria Amélia Cupertino, coordenadora do colégio. De acordo com ela, o evento também é muito importante porque todos apreciam os mais diferentes estilos musicais, passam uma tarde de confraternização entre as famílias e a escola, fortalecem vínculos e trabalham a autoestima. “Ao se apresentar, o aluno sente-se extremamente valorizado dentro da sua comunidade. Esta valorização pessoal é fundamental para a formação da sua subjetividade”, completa Maria Amélia.

O colégio possui o sistema de som, instrumentos e se prepara para receber pessoas como alunos, professores, ex-alunos, pais, educadores em geral e amigos.

## Melodias matemáticas



“No Rainha da Paz, em São Paulo (SP), a música é uma disciplina. Ela integra a grade curricular da educação infantil do 7º ano do ensino fundamental II com carga horária de duas aulas semanais. Além de pertencer à grade como disciplina obrigatória, a música compõe projetos com outras matérias ao longo de todo o ano letivo. Por exemplo, no momento estou dividindo um projeto com minha colega Rosa, professora de matemática, que trata da relação matemática/música através das frações.



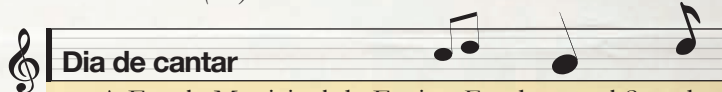
Os alunos, baseados nas frações e nas figuras musicais, criam uma partitura rítmica na aula de matemática e depois a executam na sala de música. Já pensou como é legal para eles realizar uma prova de matemática tocando?

No meu ciclo, o trabalho é pensado do individual para o coletivo. Cada aluno possui a liberdade de escolher o instrumento que gostaria de aprender (violão, guitarra, baixo, piano, teclado, bateria etc.). É iniciado em um destes instrumentos e pouco a pouco começa a tocar com alunos que escolheram instrumentos iguais ou diferentes do dele. Tocar em conjunto é uma experiência que extrapola em muito a aprendizagem musical. É necessário ter a responsabilidade de estudar a sua parte para participar da execução coletiva, estar concentrado, ouvir o que o outro colega está tocando para que exista sincronismo. É necessário aguardar a sua vez para entrar no arranjo, enfim, tocar um instrumento pode trazer uma série de outros ensinamentos que serão muito úteis em outras situações na vida deste aluno.

Temos em nosso calendário algumas atividades em que nossos alunos se apresentam e em todas estas ocasiões contamos com a presença de vários ex-alunos, o que mostra que a música é um fator de ligação deles com o colégio.

Estes eventos sempre trazem vários deles de volta e é sempre muito bom poder revê-los e tocar com eles novamente. Acredito que a escola deva oferecer espaço para que todos os alunos possam de alguma forma descobrir e aprimorar seus talentos. Da mesma maneira que temos alunos que são ótimos em matemática, português, história, inglês etc. temos alunos que não são tão brilhantes nestas disciplinas, mas que são muito bons em alguma modalidade esportiva, em artes ou música. Isso é fundamental para que estes alunos aumentem a autoestima e conquistem respeito e espaço dentro de seus grupos”.

*Depoimento do professor Maurício Simões Uzum, que atua há mais de 20 anos na área e está há 13 anos no colégio Rainha da Paz, em São Paulo (SP).*



## Dia de cantar

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Fláquer em São Caetano do Sul, conta uma surpresa que até hoje dá o que falar entre os alunos. Em outubro, durante a semana da criança, os professores se reuniram com outro funcionário da escola e formaram um trio. Apresentaram um especial musical para os alunos, no

anfiteatro do colégio. De acordo com a coordenadora de área Regina A. Martinez dos Santos, o fato estreitou o relacionamento entre eles. “Dessa forma, puderam aproximar-se mais dos adolescentes, que apreciaram uma boa música e se encantaram com as habilidades dos docentes”, conta.

A ação envolveu um grande trabalho de equipe. Os professores contaram com a ajuda de um funcionário que habilitou e organizou os equipamentos de som que a escola já possui. Os docentes trouxeram seus próprios instrumentos e se apresentaram para alunos do ensino fundamental II (10 a 15 anos). “Os professores sentiram-se motivados e valorizados pela equipe pedagógica e por seus alunos, que não cansaram de elogiá-los. Os alunos puderam apreciar uma apresentação musical no ambiente escolar e ouviram canções como: Aquarela (Toquinho e Vinícius de Moraes), Trenzinho Caipira (Villa-Lobos), entre outras”, lembra Regina.



### Brincadeiras sonoras



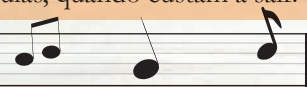
No colégio Monsenhor Alexandre Arminas, em Mauá (SP), diversas atividades vão desde a exploração sonora ao reconhecimento dos sons, assim como também à construção de instrumentos musicais com a utilização de material alternativo. “Na maior parte das atividades, o corpo é o principal instrumento catalisador da experiência musical e, por meio do movimento corporal criativo, permite uma aprendizagem musical realmente significativa”, explica a professora Sheyla Reis Couto, da disciplina de música.

Outra proposta é o jogo *Viva x Morto Musical*, no qual os alunos adquirem conceitos de sons graves, agudos e a sua direção. “Como o próprio nome diz, nos faz lembrar da brincadeira do vivo ou morto, porém, para ficar vivo, o estudante tem que ouvir o som agudo e para ficar morto ouvir o som grave, tocando um instrumento. Ao ouvir o som, o aluno deve corresponder com o corpo, movimentando-se para cima ou para baixo. É uma atividade simples, mas eficiente”, explica Sheyla.

De acordo com a escola, o retorno dos alunos é atestado pelo entusiasmo que demonstram ao se dirigirem à sala de música ou nos finais dessas aulas, quando costumam a sair.



### Os copos de Luiz Gonzaga



No colégio Eduardo Gomes, em São Caetano do Sul (SP), que trabalha com educação infantil, ensino funda-

mental I e II e ensino médio, uma das grandes preocupações no âmbito musical é desenvolver o senso rítmico dos alunos.

Em educação infantil, fazem parte das aulas de musicalização: cantigas de roda, jogos musicais, atividade rítmica com instrumentos de percussão e apreciação musical. As crianças manuseiam os instrumentos de percussão, descobrem o som de cada um. Em seguida substituem o som do instrumento pela voz e acompanham o ritmo de uma música. Também cantam e fazem o acompanhamento rítmico com os instrumentos de percussão. Aos poucos elas descobrem em qual parte da música devem executar o som do seu instrumento e assim formam uma bandinha rítmica.

O colégio também oferece aulas de musicalização e oficinas de música integral, onde os alunos utilizam vários objetos para marcar o ritmo da música: copos, colher de pau, *hashis* ou mesmo o próprio corpo (batidas de pés, mãos, estalos de dedos), além de xilofones. Diversos gêneros musicais são usados nas atividades, sempre citando o autor da música e situando a música na época.

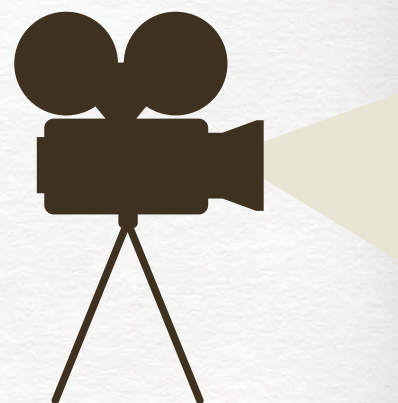
Entre tais atividades destaca-se uma brincadeira realizada com copos, como explica a professora Miriam Bottas: “Conversamos sobre a vida e o centenário de Luiz Gonzaga e cantamos a música *Xote das meninas*. Após aprenderem a letra, as crianças fizeram acompanhamento com copos e com movimentos do corpo. Além de conhecerem um ritmo diferente da música popular brasileira, contribuíram na criação de uma coreografia rítmica”.



# Um sonho de

★ ★ ★ ★ ★

# CINEMA



Um filme tem o poder de transformar, de curar, de causar uma revolução nas emoções, nos sentimentos e nos pensamentos de um indivíduo. Quando assistimos a um filme e nos entregamos a tal experiência, ficamos diante de inúmeras possibilidades que podem nos causar impactos muito importantes.

O maior poder do cinema está na força de identificação do público com a obra cinematográfica, pois, quando assistimos a um filme, nos identificamos com personagens, enredos e dramas, às vezes comparando o “final feliz” com a nossa própria vida.

Tudo isso nos faz refletir profundamente sobre nossa personalidade, nossas emoções e até mesmo nosso papel no ambiente em que estamos inseridos. São essas reflexões que, de fato, movem a vida, dado que são os questionamentos que nos fazem buscar as soluções e os caminhos a seguir.

Um filme pode ser comparado a um sonho. Em ambos, experimentamos sensações que nos permitem refletir sobre nossas angústias e nossas escolhas. Pesquisas afirmam que, quando sonhamos, o cérebro entra num período em que revive acontecimentos. A função do sonho é nos proporcionar a experimentação de soluções para os problemas e preocupações e, até mesmo, reavaliar sentimentos e vivências.

Sonhar é como estar em um filme. Os dois são capazes de nos fazer pensar, rir, chorar, sentir medo, reviver e lembrar. Ao acordar, lembramo-nos do sonho e passamos a refletir sobre o que sonhamos, a reelaborar o significado do sonho levando em conta nossas experiências pessoais.

Um filme proporciona as mesmas emoções e sensações, como se vivêssemos outra perspectiva. Quando se faz um paralelo entre aquilo a que se assiste e o que de fato se vive,



entre a ficção e o real, é natural se colocar no lugar dos personagens e nutrir expectativas de um “final feliz” para a vida.

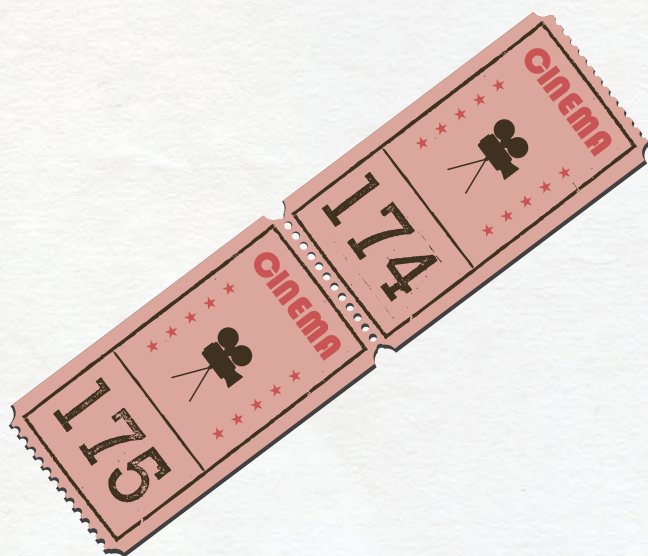
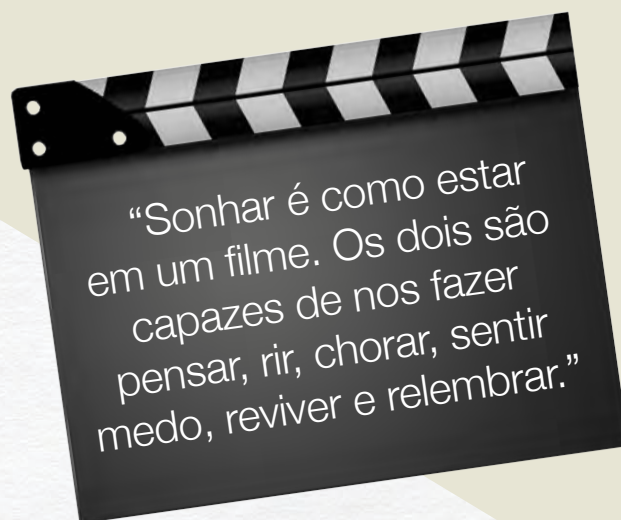
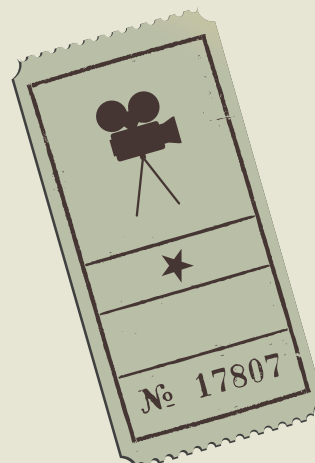
Em uma sociedade tão violenta e degradante, sonhar tem perdido espaço. Com constantes más notícias e a instabilidade familiar e social, uma criança pode ter, em vez de sonhos, pesadelos que podem afetá-la gravemente, tornando-a introspectiva, limitada e cheia de medos.

Na área educacional, o que tem sido proposto é o uso de novas e modernas linguagens, para proporcionar à criança vivências que contribuam para a formação de sua cidadania. O cinema tem forte influência no despertar do senso crítico, uma vez que, como exposto anteriormente, dá oportunidade a uma reflexão profunda do indivíduo.

O uso das linguagens cinematográficas é uma forte e potente ferramenta para produzir “bons sonhos”; é a oportunidade de o aluno “sonhar acordado”. Esse momento beneficiará enormemente o desenvolvimento da criança.

O cinema traz como resultado o reflexo do ser, reflete para o próprio aluno o que ele é, o que ele quer ser e o que ele pode vir a ser. Fazer da sala de aula um estúdio de cinema é trazer para a escola meios de combater problemas relacionados ao comportamento e à socialização.

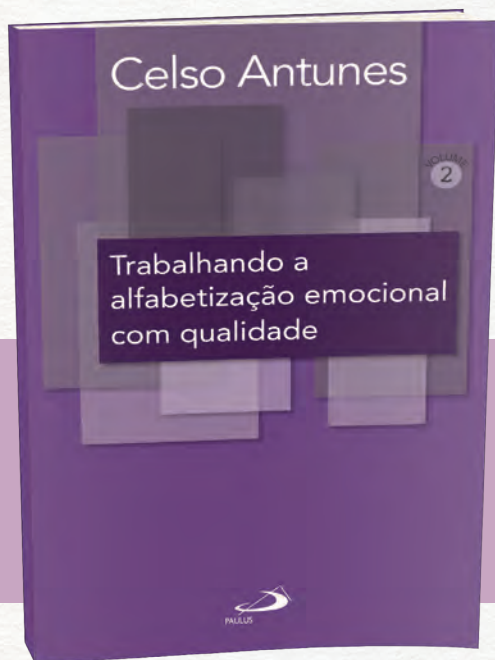
O cinema faz o aluno “sair do sonho” e praticar atitudes que o tornem um ser humano melhor, com o olhar voltado ao próximo e à sociedade, dedicando-se à família, aos amigos e interessando-se cada vez mais por buscar o tão esperado final feliz.



\*Júnior Silveira é pedagogo e formou-se em Artes Cênicas. Atua como mediador de formação em cinema e teatro pela empresa Planeta Educação ([www.planetaeducacao.com.br](http://www.planetaeducacao.com.br)) no município de Votorantim, São Paulo.

# Educação emocional:

ajudando a construir seres humanos melhores



Alfabetizar e promover o aprendizado de todo tipo de conteúdo é, aparentemente, a “fácil” missão do professor. O que muitos ignoram é o fato de o educador conviver com questões que não estão necessariamente ligadas à sala de aula e às propostas pedagógicas da escola, mas que permeiam a rotina escolar, entre elas, as reações emocionais dos alunos.

Com o objetivo de jogar luz sobre o tema, o educador Celso Antunes lança pela Editora Paulus o livro *Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade*, segundo volume da Coleção Didática, da mesma editora. Mestre em ciências humanas, fundador do projeto Todos pela Educação e autor de mais de 180 livros didáticos e paradidáticos, o autor traz discussões fundamentais sobre o que chama de “alfabetização emocional” – expressão surgida já há um bom tempo nos Estados Unidos, em alguns países europeus e diferentes pontos no Brasil – dentro da sala de aula.

Assim como o primeiro volume da coleção, *O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos*, esta obra é mais uma contribuição ao propósito de propor diferentes formas de otimizar o tempo do professor no sentido de construir uma educação global e humanizadora.

Em um livro pequeno e muito objetivo, Antunes apresenta reflexões em que afirma já existirem provas científicas de que a educação emocional traz benefícios ao aluno em sala de aula, e que tal prática é capaz de alertar a todos sobre o quanto é importante um trabalho escolar e familiar com esse

objetivo. Já na apresentação, diz que “se um distúrbio emocional pode ser tratado com a reeducação, é evidente que as emoções são estimuláveis e podem ser apreendidas. Prova-se cientificamente que a educação emocional é útil e, mais ainda, que ela alerta sobre a importância de um trabalho escolar e familiar com esse propósito”. E conclui dizendo que “já há algum tempo educadores de toda parte preconizavam experimentos sobre a educabilidade emocional e os resultados mostram com inequívoca certeza a sua validade.

A obra é dividida em quatro partes e, de maneira acessível, ainda fornece uma ótima relação de dicas de leitura para que o leitor possa se aprofundar mais no assunto. Assim, o livro torna-se uma importante ferramenta para professores, diretores e todos os profissionais e interessados na área, para que possam continuar se aprimorando na difícil e complexa arte de ensinar.

## Entendendo os conceitos

Antunes inicia então o livro apresentando os conceitos necessários para o estudo. Partindo de estudos recentes sobre o cé-



rebro humano, ele afirma que exames modernos são capazes de admitir hoje que todo ser humano possui competências diferenciadas, que chama de “inteligências”, por sua vez divididas em inter e intrapessoais, frutos da genética, mas também sensíveis a “respostas ambientais e estímulos pedagógicos”.

A “inteligência intrapessoal” é associada ao autoconhecimento e à autoestima, e quem tem essa inteligência bem desenvolvida apresenta facilidade de reconhecimento e compreensão de seus próprios erros, bem como uma acentuada percepção de sua individualidade e dos desafios impostos no contexto no qual está inserido. Já a “inteligência interpessoal” se relaciona com o mundo externo, ligada à empatia e à compreensão dos outros. Quem apresenta essa inteligência bem desenvolvida manifesta respeito à individualidade de pessoas e grupos inseridos na sociedade. Ainda que as duas manifestações possam aparecer na mesma pessoa, o mais comum é percebermos nosso conhecimento sobre elas de maneira isolada; quem compreende a si mesmo e administra bem suas emoções não necessariamente saberá lidar bem com o outro.

Segundo o autor, o estudante no Brasil não pode mais continuar sendo visto como um simples receptor de conhecimento. A escola, então, deve deixar de ser exclusivamente uma transmissora de saber, para desenvolver no aluno a capacidade de se descobrir como pessoa e de perceber no outro a existência de sentimentos como solidariedade e amor, auxiliando na construção de laços afetivos. Nenhum pai ou professor é capaz de manipular ou evitar que seus filhos sintam emoções, mas, com paciência, podemos amainar sentimentos negativos e retirar o caráter imprevisível das emoções, trazendo a estas a capacidade de compreensão.

### **A compreensão dos sentimentos e das emoções**

Antunes afirma que nossos sentimentos são iguais, mas que a emoção nos faz diferentes.

Educar emocionalmente produz resultados existenciais, e o que confunde muitos educadores é não saber como aplicar as estratégias necessárias para a realização desse ensino.

Porém, muitos experimentos bem-sucedidos em diversos países europeus vêm reafirmar a solidez dos caminhos dessa modalidade de educação. “Crianças educadas em ambientes estimulantes, quando comparadas com outras que crescem sem respaldo de afeto, evidenciam mais tarde e muitas vezes pela vida inteira diferenças de comportamento emocional extremas”.

Essas situações são percebidas em diferentes culturas e apresentam resultados as diferenças entre o cuidado na educação emocional e a ausência deste. Os caminhos existem e só através deles é possível construir um método para tal “alfabetização”, que só é possível para quem sente vontade de cuidar e acredita nas transformações positivas realizadas pela educação. Antes de tudo, é preciso ter vontade, se esforçar e acreditar na realização de seu projeto.

### **O desenvolvimento de um projeto**

No terceiro capítulo – que praticamente encerra o livro, deixando para a quarta e última parte reflexões sobre o trabalho do neurocientista Richard Davidson –, o especialista traça alguns tópicos a fim de orientar o leitor na árdua tarefa de educar emocionalmente. Para Antunes, é possível trabalhar a alfabetização emocional desde a educação infantil, porém a implementação de um programa orientado para tal educação deve ser pensada para alunos que estejam acima dos 11 anos de idade, faixa etária que representa o momento em que o ser humano liberta-se psicologicamente do “egocentrismo infantil” e abre suas inteligências pessoais para o mundo.

É necessário, então, muito bom senso e conhecimento de seus alunos por parte do professor, além de muita conversa com colegas que ministram aulas na mesma turma e debate com os pais. Um programa que lida com emoções, principalmente de crianças e jovens, não deve apresentar também estruturas rígidas quanto a seu conteúdo.

Entre jogos e atividades de sensibilização, estratégias para resolução de conflitos e *role-playing* (incorporação de papéis pelos alunos), as propostas devem ser guiadas também pela necessidade de avaliação periódica de resultados, em que também os alunos possam opinar sobre a forma como o programa é trabalhado.

Para o autor, um programa de alfabetização emocional não elimina problemas sociais nem impede que a agressividade das pessoas seja manifestada, mas revela que “em cada um de nós existe sempre um potencial de dignidade que, desabrochado pela educação emocional, ajuda a construir seres humanos melhores”.

\*Dulcinéia Mendes é pedagoga, mestre em Distúrbios do Desenvolvimento e diretora pedagógica do Colégio Global (<http://www.colegioglobal.com/global/>)  
E-mail: [dulci.mendes@uol.com.br](mailto:dulci.mendes@uol.com.br)

# Projeto Conhecendo Rubem Alves e suas histórias



Divulgação



## **Introdução:**

O projeto da professora Sandra Barros e das coordenadoras Graziela Caramati e Carla Codognotto visa desenvolver a oralidade, que é uma das habilidades que se espera nos primeiros anos de escolaridade. Nas turmas de pré-escola, é possível fazer isso de diversas formas. Brincadeiras cantadas, como músicas e cantigas de roda, ou faladas, como trava-línguas e parlendas, sempre são bem recebidas nessa idade. De forma lúdica, elas ampliam as possibilidades de comunicação e expressão e promovem o interesse pelos vários gêneros orais e escritos. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil prevê que os conteúdos ligados a essa área devem ser divididos em três blocos nas classes de 4 e 5 anos de idade: falar e escutar, práticas de leitura e práticas de escrita. Assim, num bom trabalho com esse tema, a oralidade, a leitura e a escrita são apresentadas às crianças de forma integrada e complementar. O objetivo é potencializar os diferentes aspectos que cada uma dessas linguagens exige das crianças.

De acordo com Regina Scarpa, levar turmas de pré-escola a desenvolver a oralidade é ampliar sensivelmente as possibilidades de comunicação. O ideal é que o professor articule esse trabalho com tarefas de leitura e escrita, como o manuseio de livros, revistas e outros materiais, com o objetivo de criar o hábito e o apreço pela leitura e, com isso, despertar também o interesse pela escrita.

## **Justificativa:**

A literatura, como qualquer arte, vai além da informação. A literatura desperta as emoções e dá prazer. Ler trabalha o imaginário e apura o gosto pelo conhecimento;

estimula o hábito da leitura nas crianças para que comecem a desenvolver o poder da imaginação, reflexão e argumentação.

## **Objetivo geral:**

Conhecer Rubem Alves, despertando na criança o encantamento e o prazer pelas suas histórias.

## **Objetivos específicos:**

- conhecer a vida e as obras do autor;
- planejar, propor e coordenar atividades significativas e desafiadoras capazes de impulsionar o desempenho das crianças;
- articular as diferentes áreas do conhecimento;
- desenvolver a linguagem oral, bem como as atividades motoras;
- permitir ao aluno observar, manipular, experimentar e produzir;
- construir a autonomia e a cooperação em trabalhos coletivos.

## **Como surgiu o projeto?**

Muito se tem pensado sobre as relações do cuidar e do educar, que são ações pedagógicas indissociáveis na educação.

O projeto surgiu da necessidade de cuidarmos uns dos outros, valorizando cada indivíduo na sua cultura, capaz de participar das atividades, agindo e interagindo com o grupo de trabalho e na família.

A partir do conhecimento prévio das crianças e dos questionamentos sobre personalidades marcantes que fizeram e fazem parte da nossa vida cultural, social e afetiva, iniciamos o projeto “Conhecendo Rubem Alves e suas histórias”.

## O que queremos aprender?

Na roda, apresentei às crianças uma foto de Rubem Alves e perguntei a elas quem o conhecia e o que achavam que ele fazia.

Após várias respostas, relatei às crianças o nome de quem está na foto e solicitei a elas que fizessem com o pessoal de casa uma pesquisa sobre a sua vida e obra.

Fizemos a coletânea das pesquisas e fui relatando ao grupo sobre o educador, psicanalista, pedagogo e escritor de crianças e adultos. Propus ao grupo construirmos o boneco Rubem Alves com material alternativo (meia-calça e jornal), para que ele nos acompanhasse durante todo o nosso projeto.

Uma criança trouxe a caricatura do Rubem Alves e realizamos colagem de papéis picados, construindo um mosaico.



## Desenvolvimento:

De acordo com os nossos estudos, as curiosidades das crianças foram sendo atendidas.

Apresentei à turma alguns livros escritos por Rubem Alves. Durante o projeto, os livros foram lidos e, através das leituras, desenvolvemos o trabalho na linguagem oral e escrita, na organização de pensamentos (reconto) e produção de textos individuais e coletivos.

Na escolha dos livros para serem trabalhados, destacamos: *A Árvore e a Aranha*, *A Operação de Lili* e *Estórias de bichos*. Ao iniciarmos o trabalho no livro *A Árvore e a Aranha*, fizemos um passeio ao parquinho da escola para observarmos as árvores existentes na escola. Com a ajuda do senhor Hérus, zelador da escola, as crianças descobriram que existem árvores na escola que dão flores e frutos como: jaboticabeira, goiabeira, romãzeira, mexeriqueira, limoeiro e laranjeira.

Continuamos a caminhar pelo parquinho e a observar as árvores da escola. Um dos alunos disse: “Olha, gente, aqui na escola tem a árvore da alegria e da tristeza!”

Esta observação foi fantástica!

Após observar, tatear e conhecer as árvores da escola, retornamos para a sala e realizamos o plantio.

Com este trabalho, as crianças aprenderam as partes de uma planta e do que elas precisam para sobreviver.

No livro *A Árvore e a Aranha*, foi criado o avental de histórias. As crianças levavam o avental para casa e através dele recontavam a história para a família. Após o reconto, faziam os registros no livrão.

Confeccionamos o “jogo da trilha da aranha”. Elaboramos as regras do jogo de acordo com os combinados de sala.

Neste jogo, desenvolvemos a contagem e escrita dos números, antecessor e sucessor, ordem crescente e decrescente, início e fim.

Na história *A Operação de Lili*, as crianças produziram um texto coletivo onde construímos um livrão codificado. Foi pedido aos pais que confeccionassem junto com o seu filho os personagens da história.

O livro *Estórias de bichos* foi trabalhado com leituras semanais, pois eram contos. As crianças produziram textos através dos bichinhos que confeccionamos de tecido.

Construímos coletivamente o jogo do dominó dos bichos. As crianças realizaram os desenhos dos bichos que mais apreciaram nas histórias.

## Resultados obtidos:

Com o desenvolvimento do projeto, as crianças vivenciaram e observaram o pensar e o fazer arte, aliando prazer e aprendizagem. Construímos diversos trabalhos que foram expostos na festa da família.

## Conclusão:

O teatro, a apresentação de músicas, a declamação de poesias e a contação de histórias se juntaram num fazer lúdico e prazeroso em que a fantasia, a criatividade, a autoconfiança, o senso crítico, a imaginação, a curiosidade, a investigação e a livre expressão tomaram conta de toda a turma dos bichos. E, assim, o projeto “Conhecendo Rubem Alves e suas histórias” tornou-se mágico, envolvente e recheado de aventuras.

Referências bibliográficas:  
Referencial curricular nacional para educação infantil – MEC - 1998



## **Ave viola, cordel da viola caipira**

Jorge Fernando dos Santos  
Ilustrações de Ismael Martinez Pascoal

**Formato:** 21 cm x 27 cm  
**Páginas:** 64

A importância da viola para a cultura brasileira e a necessidade de as novas gerações terem acesso a esse instrumento e ao universo musical que o caracteriza são os assuntos tratados neste livro. Os versos falam da introdução da viola em nosso país pelas mãos dos padres jesuítas, que a tocavam com a intenção de atrair os índios para a catequese. De acordo com o autor, acredita-se que até a esquadra de Cabral já tinha violeiros.



## **Só contado, que visto não se acredita**

Contos e lendas da Amazônia  
Sebastião Amoedo  
Ilustrações de Mauricio Negro

**Formato:** 13,5 cm x 21 cm  
**Páginas:** 48

Primeiro integrante da coleção *Narrando o Brasil*, este livro conta as narrativas nascidas nas vozes de muitas gerações da região Amazônica. As aventuras envolvendo rios, florestas e seres encantados são todas ligadas à cultura do povo amazonense. Os desenhos combinam pigmentos naturais com recursos digitais, conferindo colorido especial às histórias. No final, um glossário ajuda o leitor a compreender palavras como aningal, pinguela, matupá, entre outras.



## **Tata e Ruguinha, as tartarugas marinhas**

Carmen Lucia Campos  
Ilustrações de Renata Borges

**Formato:** 21 cm x 26 cm  
**Páginas:** 32

Da coleção *Bicho de Todo Canto*, a historinha defende a preservação ambiental e mostra o universo das tartarugas marinhas. Com lindas imagens e rimas, o livro apresenta às crianças esse bichinho curioso, a alegria que sente ao entrar na água assim que nasce e os perigos que enfrenta. A filhote Ruguinha aprende muito sobre a própria espécie quando conhece Tata, uma tartaruga bem mais experiente. Informações e curiosidades inclusive sobre a atuação do projeto Tamar estão à disposição do leitor nas páginas finais.



## **O explorador de abismos**

Vilém Flusser  
Erick Felinto e Lucia Santaella

**Formato:** 13,5 cm x 21 cm  
**Páginas:** 192

Os autores apresentam um trabalho que aborda uma temática importante e um autor pouco explorado em nosso país. O livro conta com notas de referência e vasta bibliografia, dividida em “Obras de Vilém Flusser” e “Bibliografia Geral”. Há também um texto inédito do filósofo, preservado pelo Arquivo da Universität der Künste, em Berlim, escrito provavelmente na década de 1980. Com ele, Flusser, pensador tcheco que viveu no Brasil durante um longo período, convoca o homem a abandonar sua posição de superioridade ontológica e entabular uma conversação, de igual para igual, com outras espécies.



## As meninas, a vovó... e a saudade de quem foi pro céu

Ceci Baptista Mariani  
Ilustrações de Mirella Spinelli

**Formato:** 24 cm x 22 cm  
**Páginas:** 32

Ajudar as crianças a compreenderem e a aceitarem a morte de um ente querido – fase difícil até mesmo para adultos – é o propósito de Ceci Baptista Mariani. Na obra, a garotinha Ana Clara, que sente muita saudade da avó, fica bastante intrigada quando ouve dizer que ela tinha ido para o céu. Pensando nisso, a menina resolve escrever. Em seu texto, Ana se lembra não apenas da vovó que tinha partido, mas também de outras pessoas e seres, como o peixinho do seu irmão, o cachorro da sua prima e o vovô João, que ela nem chegou a conhecer.



## Poesia na escola A vida tecida com arte

Adriana Antunes de Almeida

**Formato:** 13,5 cm x 20,5 cm  
**Páginas:** 72

O objetivo da coleção Ler + é oferecer títulos que sirvam de “aperitivos” para os leitores ampliarem seus conhecimentos em diversos gêneros literários. *Poesia na escola – A vida tecida com arte* inaugura a série e conta a história de uma princesa que recebeu o nome de Poesia e nasceu em um mundo chamado Literatura. A autora aborda diversos conceitos e autores variados, entre eles Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina. Boxes com informações adicionais, trechos e sessões servem para o aluno colocar em prática o que aprendeu.



## Estrutura e significado da Metafísica de Aristóteles

Enrico Berti

**Formato:** 13,5 cm x 21 cm  
**Páginas:** 232

As páginas reúnem a transcrição de dez aulas do professor de História da Filosofia Antiga Enrico Berti em Roma, entre os dias 27 de fevereiro e 3 de março de 2006. Voltado àqueles que ainda não se aproximaram do assunto, o texto pode ser lido como proposta interpretativa nova capaz de esclarecer e dar a justa sistematização e alcance às doutrinas parciais, aos ensinamentos particulares até agora adquiridos, ou para pôr em discussão ou confirmar a visão de conjunto que havia formado da obra.



## CD Polonaises e Fantasias

Stella Almeida

**Faixas:** 15

Neste trabalho, a artista apresenta um estudo da música do filho mais velho de Johann Sebastian Bach: Wilhelm Friedemann. O compositor foi considerado durante muitos anos um musicista excêntrico, difícil e irregular, ainda que celebrado como um dos maiores organistas de seu tempo. Coube a Stella, cravista e pianista da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo, se debruçar sobre o ciclo das 12 Polonaises de Friedemann e levar adiante essa música que quase não é tocada no Brasil. Excelente oportunidade para o ouvinte conferir o repertório e a genialidade de Friedemann, assim como outras peças da família Bach.

# Duas meninas na praça



Divulgação

A caminho da escola, quando vi-  
rei a esquina e entrei na praça,  
logo reparei nas duas meninas, cada  
uma com um saco às costas, que se  
abaixavam a todo instante para pegar  
latinhas vazias de refrigerante ou de  
cerveja jogadas pelo chão.

Pareciam duas irmãs. Uma devia ter  
uns dez anos; a outra, um pouco me-  
nor, aparentava uns sete. Mas era difícil  
definir, tanta era a sujeira nos seus ros-  
tinhos, nos cabelos imundos, nos bra-  
cinhos finos, nas mãos pequenas, nos  
pés descalços. Os olhos atentos vas-  
culhavam cada pedaço da calçada em  
busca de latinhas, sem ligar para mais  
nada. Mas ligar para quem? Quem esta-  
va reparando que elas estavam por ali?  
Quem poderia se preocupar com elas?  
Acostumadas à indiferença geral, conti-  
nuavam sua busca que significaria, pro-  
vavelmente, a segurança de pelo menos  
um sanduíche no fim do dia.

Diminuí o passo e fiquei a olhá-las  
de longe. Pensei nas crianças da minha  
escola, nas classes em que havia dezenas  
de meninas como elas. Elegantes, lim-  
pinhas, perfumadas, sempre sorrindo  
e brincando, sem nenhuma preocupa-  
ção sobre o que comeriam naquele dia.  
Elas vivem me mostrando suas agendas  
cheias de fotos, desenhos. Seus celula-  
res, seus joguinhos. Falam de filmes, de  
passeios, de festinhas. Compram livros,  
cadernos, lápis de cor. Têm um lugar  
quentinho para dormir. São crianças  
felizes, como devem e merecem ser as  
crianças. Todas as crianças.

Dali a pouco um cachorro vira-lata  
aproximou-se das duas meninas, aba-  
nando o rabo. A menorzinha fez-lhe um  
carinho, o cachorro gostou e deitou-se,  
levantando as patinhas e brincando. As-  
sim ficaram um momento. Mas quando  
ela recomeçou a andar, ele levantou-se  
rapidamente e passou a segui-la de perto.  
Percebi que eram amigos.

Quando passaram perto de uma  
lanchonete, elas retardaram o passo e  
olharam para dentro. Era hora do al-  
moço e sentia-se um cheiro bom de  
comida. Mas o olhar severo do rapaz  
que ficava no caixa, perto da porta, foi  
suficiente para fazê-las se afastar. Uma  
delas pegou no chão um pedaço de al-  
guma coisa que não pude ver o que era  
e deu ao cachorro, que engoliu e ficou  
esperando mais. Mas não havia mais  
nada, e os três continuaram a andar.

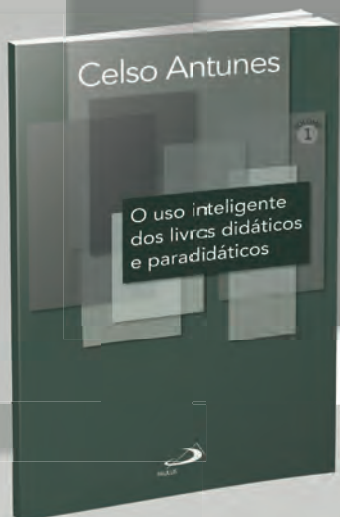
Uma sensação incômoda foi cres-  
cendo no meu peito. Não conseguia  
mais olhar aquelas meninas. Por que

não conseguimos construir uma so-  
ciedade que possa dar o mínimo de  
conforto e segurança para crianças  
como elas? A presença delas nas ruas  
é um atestado de nossa incompetên-  
cia, de nossa insensibilidade. Por que,  
afinal, pagamos impostos, elegemos  
governantes, formamos ministérios, fa-  
zemos leis, se não conseguimos tratar  
essas crianças como seres humanos?  
Por que estudamos, escrevemos livros,  
organizamos congressos e seminários,  
falamos em fraternidade, se não somos  
capazes de trazer um pouco de paz, ale-  
gria e segurança a crianças como essas?

Continuei a caminhar, olhos no  
chão, pensando nas minhas queridas  
alunas — e nessas meninas catando  
latinhas pelo chão. Quando levantei  
os olhos, não vi mais as duas meninas.  
Elas e seu fiel cachorro desapareceram  
rapidamente no meio da multidão. Tão  
rapidamente quanto desaparece a in-  
fância desamparada em nossas ruas.

\*Douglas Tufano é professor de Português, Literatura e História da Arte, formado em Letras e Pedagogia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em História e Filosofia da Educação. É autor de livros didáticos e paradidáticos nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura. E-mail: dgtufano@terra.com.br

# Livros de primeira para transformar a educação brasileira!

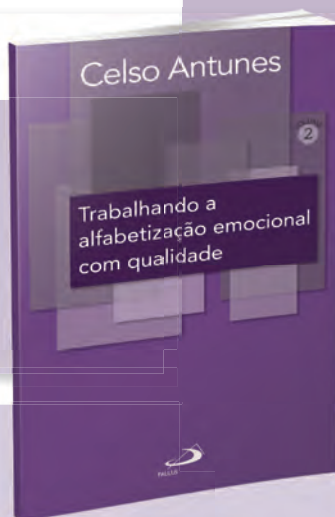


## O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos

**Celso Antunes**

A obra mostra como os livros didáticos e paradidáticos podem ser excelentes recursos pedagógicos a serem explorados pelos docentes.

72 págs.



## Trabalhando a alfabetização emocional com qualidade

**Celso Antunes**

Este livro fala sobre alfabetização emocional e fornece todas as condições para o desenvolvimento de um projeto que contemple adequadamente a temática.

48 págs.



## (In)Disciplina e (Des)Motivação

**Celso Antunes**

O terceiro volume da aclamada coleção *Didática* sublinha, para pais e professores, a importância da disciplina no cotidiano escolar.

72 págs.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



# Comprometimento e atitude: essenciais para a construção de valores.



## **COMO EDUCAR BONS VALORES** Desafios e caminhos para trilhar uma educação de valor

Maria Helena Marques

O propósito da autora é oferecer um manual de reflexão que auxilie pais e educadores a expandirem bons valores, encorajando-os na desafiadora tarefa de educar.



## **ÉTICA E CIDADANIA NA EDUCAÇÃO** Reflexões filosóficas e propostas de subsídios para aulas e reuniões

Antonio Bonifácio Rodrigues de Sousa

Ética, disciplina e cidadania são os assuntos que o leitor verá tratados nesta publicação. Questionários ao final dos capítulos motivam debates e análises críticas.



## **EDUCAR VALORES E O VALOR DE EDUCAR** Parábolas

Antonio Pérez Esclarín

Ensinar por meio de parábolas é um método valioso. E é este o recurso utilizado pelo autor, que faz comentários pedagógicos depois de cada parábola para facilitar seu aproveitamento.



## **INICIAÇÃO AOS VALORES** Leituras e dinâmicas

Milagros Moleiro

De metodologia participativa, este livro traz exercícios, tarefas e textos que orientam pais e professores a trabalharem a importância dos valores.



## **ESCOLA DE VALOR** Significando a vida e a arte de educar

Maria Helena Marques Rovere

Fundar um espaço escolar mais ético e propício à prática da cidadania é o objetivo da obra ao mostrar como a educação pode resgatar o desejo de viver em comunidade.



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 3789-4119 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

[paulus.com.br](http://paulus.com.br)



PAULUS